

JAN-FEV DE 2015

Ministério

Uma revista para pastores e líderes de igreja

Exemplar avulso: R\$ 12,68



Saúde

Por que esse tema é tão importante para a pregação do evangelho

POVO DE DEUS

O que significa fazer parte da igreja remanescente

DOM DE PROFECIA

Uma luz de esperança que não se apaga



William de Moraes

Mensageira da esperança

Este é o centésimo ano da morte de Ellen G. White, ocorrida no dia 16 de julho de 1915, depois de setenta anos de ministério profético. O dom de profecia com o qual ela foi agraciada por Deus, é marca distintiva da Igreja Adventista do Sétimo Dia. A morte de alguém jamais é motivo de celebração. Assim, nesse caso especialmente, relembramos com muita gratidão a Deus o ministério por ela desenvolvido e os benefícios resultantes dele para a Igreja em sua trajetória. Não foi um ministério isento de ataques, tanto no passado como no presente, mas o testemunho bíblico e o caráter de suas mensagens comprovam sua genuinidade. De acordo com o testemunho do pioneiro Urias Smith, “seu fruto é de molde a mostrar que a fonte de que elas procedem é contrária ao mal”. Na verdade, a descrição feita por ele, a respeito das mensagens faladas e escritas por Ellen G. White, é completa:

“*Seu objetivo é da mais pura moralidade. Condenam todo vício e exortam à prática de toda virtude. Indicam os perigos pelos quais devemos passar para irmos ao reino. Revelam os ardis de Satanás. Previnem-nos contra suas ciladas. Têm surpreendido ainda em estado embrionário planos após planos de fanatismo, que o inimigo tem procurado incutir em nosso meio. Desmascararam hedionda iniquidade, revelaram faltas ocultas, e descobriram os maus intuitos dos hipócritas. Elas nos têm movido e induzido a maior consagração a Deus, a mais zelosos esforços pela santidade de coração, e a maior diligência na causa e serviço de nosso Mestre.*

“*Conduzem-nos a Cristo. Como a Bíblia, apresentam-nos como a única esperança e único Salvador da humanidade. Descrevem-nos em vívidos caracteres, Sua vida santa e exemplo piedoso, e com apelos irresistíveis nos exortam a seguir Seus passos.*

“*Conduzem-nos à Bíblia. Apresentam aquele livro como a Palavra de Deus, inspirada e inalterada. Exortam-nos a tomar aquela Palavra como nossa conselheira, e como norma de fé e prática. E, com força impelente, solicitam-nos que estudemos suas páginas, detida e*



Relembramos com muita gratidão a Deus o ministério desenvolvido por Ellen White e os benefícios resultantes dele para a Igreja”

diligentemente, e nos familiarizemos com seus ensinamentos, pois ela deve julgar-nos no último dia.

“*Têm confortado e consolado muitos corações. Têm fortalecido o débil, animado o fraco, reerguido o desanimado. Da confusão têm trazido a ordem, tornando direitos os lugares tortos, e lançando luz sobre o que era negro e obscuro. Pessoa alguma, que esteja isenta de preconceitos, poderá ler seus comoventes apelos para uma moralidade pura e elevada, sua exaltação de Deus e do Salvador, sua denúncia de todo mal e suas exortações a tudo que é santo e de boa fama; sem ser compelida a dizer: ‘Estas palavras não são de endemoninhado’”* (*Vida e Ensinos*, Apêndices, p. 254, 255, itálicos supridos).

Em 1863, Deus lhe deu instruções chamando os adventistas à adoção de um estilo de vida coerente com o significado da mensagem que foram chamados a proclamar. Assim, a saúde passou a ter lugar destacado em seus escritos e mensagens. Passados quase 152 anos, a pertinência desse tema e o dever de promovê-lo em nossa vida e pregação permanecem.

“*Nossos pastores devem se tornar entendidos quanto à reforma de saúde [...] Eles devem compreender as leis que regem a vida física, e sua ação sobre a saúde da mente e da alma. Milhares e milhares pouco sabem quanto ao maravilhoso corpo que Deus lhes deu, ou do cuidado que ele deve receber [...] Os pastores têm aí uma obra a fazer. Quando eles se colocarem a esse respeito na devida posição, muito será conseguido. Devem obedecer às leis da vida em sua maneira de viver e em sua casa, praticando os sãos princípios, e vivendo saudavelmente. Então estarão habilitados a falar acertadamente a esse respeito [...] Vivendo eles próprios na luz, podem apresentar uma mensagem de grande valor aos que se acham em necessidade desses mesmos testemunhos”* (*Obreiros Evangélicos*, p. 231).

Durante este ano, temos a especial oportunidade de enfatizar esse tema em nosso trabalho. **TM**

Zinaldo A. Santos

8 Uma vacina para a igreja

Erton Köhler

Conheça o projeto "Viva com Esperança – 2015".

10 Na vanguarda do viver saudável

Theodore N. Levterov

Os adventistas do sétimo dia e a saúde.

12 Preservando o legado

Alberto R. Timm

O que fazer para lembrar o centenário da morte de Ellen G. White.

14 A luz ainda brilha

Robert S. Folkenberg

Em uma visão, a marcha do adventismo.

17 Novo tempo evangelístico

Luís Gonçalves

Uma estratégia eficaz para cumprir a missão.

18 Saúde versus evangelismo

Francisco Lemos

A chave que abre portas a entrada do evangelho.

22 Povo de Deus

Gerhardt Pfandl

O que significa ser parte da igreja remanescente.

26 Um homem que vale por dois

Érico Tadeu Xavier

O pastor nos escritos de Ellen G. White.

2 Editorial

4 Entrelinhas

5 Entrevista

28 AFAM

30 Mural

34 Recursos

35 Ponto final

Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Ano 87 – Número 516 – Jan/Fev 2015
Periódico Bimestral – ISSN 2236-7071

Editor

Zinaldo A. Santos

Editor Associado

Márcio Nastrini

Assistente de Editoria

Lenice F. Santos

Projeto Gráfico

Levi Gruber

Capa

William de Moraes

Colaboradores Especiais

Carlos Hein; Herbert Boger; Jerry Page;
Derek Morris

Colaboradores

Antônio Moreira; Cícero Gama; Cláudio Leal;
Edilson Valiante; Edinson Vasquez; Eliezer
Júnior; Enzo Chaves; Eufrazio Quispe; Fabian
Marcos; Geovane Souza; Horácio Cayrus;
Jair Garcia Góis; Mitchel Urbano; Nelson
Filho; Pablo C. Garcia; Waldony Fiúza

Ministério na Internet

www.dsa.org.br/revistaministerio
www.dsa.org.br/revistaelministerio
Redação: ministerio@cpb.com.br

Todo artigo, ou correspondência, para
a revista Ministério deve ser enviado para
o seguinte endereço:
Caixa Postal 2600 – 70279-970 – Brasília, DF



**CASA
PUBLICADORA
BRASILEIRA**

Editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34
18270-970 – Tatuí, SP

Diretor-Geral

José Carlos de Lima

Diretor Financeiro

Edson Erthal de Medeiros

Redator-Chefe

Marcos De Benedicto

Redator-Chefe Associado

Vanderlei Dorneles

Chefe de Arte

Marcelo de Souza

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

Ligue Grátis: 0800 979 06 06
Segunda a quinta, das 8h às 20h
Sexta, das 7h30 às 15h45
Domingo, das 8h30 às 14h
Site: www.cpb.com.br
E-mail: sac@cpb.com.br

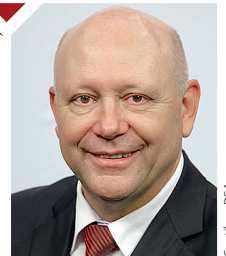
Assinatura: R\$ 61,60
Exemplar Avulso: R\$ 12,68



Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução total
ou parcial, por qualquer meio,
sem prévia autorização escrita
do autor e da Editora.

Tiragem: 6.500

5499 / 31784



Gentileza DSA

Sem história, não há futuro

Durante uma viagem de Manaus a Brasília, li estas palavras tão simples, porém muito transparentes: “A perda do rumo começa com o esquecimento do passado; mais especificamente, com o esquecimento da direção de Deus no passado. Quando isso ocorre, os cristãos perdem seu sentido de identidade e, com a falta de identidade, acontece a extinção da missão e do propósito. Depois de tudo, se não soubermos quem somos em relação ao plano de Deus, que teremos para dizer ao mundo?” (George Knight, *A Menos que nos Esqueçamos* [MM 2014], Aces).

A história cristã está cheia de corpos religiosos que se esqueceram da própria origem. Como resultado, não têm rumo para o futuro. Porém, quanto à Igreja Adventista do Sétimo Dia, Ellen G. White escreveu: “Ao recapitular a nossa história passada, havendo percorrido todos os passos de nosso progresso até ao nosso estado atual, posso dizer: Louvado seja Deus! Quando vejo o que Deus tem executado, encho-me de admiração e de confiança na liderança de Cristo. Nada temos que recear quanto ao futuro, a menos que esqueçamos a maneira em que o Senhor nos tem guiado, e os ensinamentos que nos ministrou no passado” (*Mensagens Escolhidas*, v. 3, p. 162).

“Depois de setenta anos de trabalho ativo em muitos países, escrevendo e pregando, a Sra. White adormeceu pacificamente em Jesus, em seu lar, próximo de Santa Helena, Califórnia, a 16 de julho de 1915” (*Vida e Ensinamentos*, Apêndices, p. 215).

Durante este ano, lembraremos os 100 anos da morte não apenas de uma grande mulher, mas da mensageira do Senhor para a Igreja Adventista do Sétimo Dia; mais especificamente, mensageira de Deus para mim e para você. Bem faremos em reler os conselhos e orientações recebidos, e fazer uma autoavaliação. Como está nossa vida em relação aos propósitos de Deus para Seus filhos hoje, especialmente no que se refere à mensagem de saúde?

Como adventistas do sétimo dia, entendemos que a verdade presente se encontra na mensagem do ter-




Se não soubermos quem somos em relação ao plano de Deus, que teremos para dizer ao mundo?”

ceiro anjo de Apocalipse 14, e Ellen G. White nos diz que “embora a reforma de saúde não seja a terceira mensagem angélica, está com ela intimamente relacionada. Os que proclamam a mensagem devem ensinar também a reforma de saúde. É um assunto que precisamos compreender, a fim de estarmos preparados para os eventos que estão bem perto de nós, e ela deve ter um lugar de evidência” (*Conselhos Sobre o Regime Alimentar*, p. 77).

“Muito do preconceito que impede a verdade do terceiro anjo de alcançar o coração do povo podia ser removido, se mais atenção fosse dada à reforma de saúde. Quando o povo se torna interessado neste assunto, o caminho fica muitas vezes preparado para a entrada de outras verdades. Se virem que somos inteligentes com relação à saúde, estarão mais prontos a crer que somos corretos também em doutrinas bíblicas” (Ibid., p. 76).

“A obra da reforma de saúde é o meio empregado pelo Senhor para diminuir o sofrimento de nosso mundo, e para purificar Sua igreja. Ensinem ao povo que eles podem desempenhar o papel da mão ajudadora de Deus, mediante sua cooperação com o Obreiro-Mestre na restauração da saúde física e espiritual. Esta obra traz o selo divino, e há de abrir portas para a entrada de outras verdades preciosas. Há lugar para trabalharem todos quantos efetuarem esta obra inteligentemente” (Ibid., p. 77).

Se pregássemos e praticássemos mais os princípios de saúde, os resultados do trabalho dos pastores seriam duplicados (*Medical Ministry*, p. 245) e “a eficiência de nossos obreiros seria centuplicada” (*Evangelismo*, p. 408).

Durante este ano, especialmente, lembremo-nos da nossa história e coloquemos em prática os conselhos que o Senhor nos deu. “Perguntem pelos caminhos antigos, perguntem pelo bom caminho. Sigam-no e acharão descanso” (Jr 6:16). 

Carlos Hein

Secretário ministerial da Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia

O sermão que transforma vidas

“Por meio da pregação bíblica relevante, as pessoas podem compreender e experimentar o que Deus lhes diz hoje”

por Derek J. Morris

O conselho de Paulo a Timóteo: “Pregue a Palavra” (2Tm 4:2) continua sendo atual e necessário a todos os pregadores. Em nenhuma outra fonte o pregador irá encontrar uma mensagem que nutra espiritualmente as pessoas que semanalmente dedicam tempo a ouvi-lo. Elas não vão à igreja apenas em busca de distração, ou porque não têm nada para fazer e precisam ocupar o tempo. Elas chegam ao templo levando temores, ansiedades, preocupações, sentimento de culpa, expectativas sombrias, ideais e sonhos, enfermidades, perspectivas de perdição. Assim, desejam encontrar a solução para tudo isso e muito mais. Na Palavra está a resposta.

Nesta entrevista, o Dr. Haddon W. Robinson compartilha suas ideias a respeito de pregação bíblica. Entre outros conceitos, ele defende que a pregação deve ser primariamente expositiva, pois desse modo ela extrai sua autoridade do texto bíblico, não do pregador. “Se você não prega a Bíblia, você não está pregando nada”, ele diz.

Reconhecido como um dos mais destacados pregadores do século 20, o Dr. Robinson obteve o mestrado em Teologia pelo Seminário Teológico de Dallas, mestrado em Artes pela Universidade Metodista do Sul, e doutorado (PhD) na Universidade de Illinois, nos Estados Unidos. Durante 12 anos (1979-1991), Robinson dirigiu o Seminário Batista de Denver, tendo também lecionado Homilética, durante 19 anos, no Seminário Teológico de Dallas. Jubilou-se como professor no Seminário Teológico Gordon-Conwell, Estados Unidos. Além de professor, Robinson escreveu sete livros, a maioria dos quais sobre pregação, e continua escrevendo artigos para várias revistas. Nos últimos anos, ele também se ocupa em apresentar concorridos programas radiofônicos, focalizando ensinamentos bíblicos. Com a esposa, Bonnie, atualmente reside no estado de Massachusetts.



Cortezia do entrevistado

O senhor recebeu um prêmio da Universidade Baylor, que o identifica como um dos doze pregadores de fala inglesa mais efetivos do mundo. O que mais lhe alegria na pregação?

Existe algo como um certo sentido da mão de Deus sobre você, enquanto você fala a uma congregação, crendo que, através de você, o Senhor está falando aos ouvintes a respeito de Sua vontade para eles. Nada existe que se possa comparar a isso.

Para o senhor, qual é a parte mais difícil do processo da pregação?

A parte mais difícil no processo da pregação é tomar uma passagem da Bíblia e torná-la aplicável à mentalidade do século 21. Isso não é fácil, porque você está tratando com duas entidades: um texto escrito dois mil anos atrás e pessoas de hoje. Os sermões bíblicos fortes devem ser bifocais. Eles necessitam refletir a grande ideia do texto e também refletir as preocupações, necessidades e os questionamentos dos ouvintes dos nossos dias. Por meio da pregação bíblica relevante, as pessoas podem vir a compreender e experimentar o que Deus tem a dizer a elas hoje. Mas, trabalhar nesse processo é um desafio.

Quando foi que o senhor começou a desenvolver a paixão pelo ensino da homilética?

Na verdade, eu não tenho paixão pelo ensino da pregação, mas paixão pela pregação em si. Quando eu estava no Seminário Teológico de Dallas, anos atrás, costumava ir todas as sextas-feiras à biblioteca para ler livros sobre pregação. Eu não sabia muito a respeito disso, mas queria aprender. Então, alguns estudantes perguntaram se eu queria ensinar sobre pregação. Naquele tempo, não havia muitos especialistas em homilética naquele seminário. Assim, dentro de algumas semanas, eu estava ensinando homilética. Ensinei-lhes o que eu sabia e o que eu não sabia! Mas esse foi o começo de minha experiência com o ensino dessa matéria. Depois da formatura no seminário, trabalhei como pastor assistente no Oregon. Certo dia, recebi uma carta do diretor do seminário convidando-me para voltar a ensinar. Certamente foi um risco que ele correu. Lembro-me de que, ao cursar PhD na Universidade de Illinois, tive como conselheiro o Dr. Otto Dieter. Na primeira vez em que nos encontramos no setor de clássicos da biblioteca, ele me perguntou: “Quais são os seus planos para o futuro?” Respondi: “Ensinar pregação”, ao que ele continuou perguntando: “Você acha que necessita do Espírito Santo para pregar?” Evidentemente, respondi: “Sim”, mas ele replicou: “Você está sem sorte. Há cinquenta anos, Ele não é visto neste campus.” Em uma mesa daquela biblioteca, havia uma Bíblia, para a qual ele apontou e novamente perguntou: “Você planeja pregar sobre isto?” Minha resposta foi: “Sim!” Então ele disse: “Já li muitos autores clássicos, e não conheço ninguém que tenha sido transformado por meio da leitura deles. Mas sei de muitas pessoas cuja vida tem sido mudada pela leitura da Bíblia.” Depois eu soube que o Dr. Dieter tinha dois sobrinhos que haviam chegado ao fundo do poço, mas foram transformados pela

leitura da Bíblia. Assim, ele falava da própria experiência.

Além de ensinar, o senhor prega regularmente. Por que é importante praticar, e não apenas teorizar sobre pregação?

Para mim, não é suficiente ensinar sobre pregação. Você tem que pregar. Enquanto pregamos, somos envolvidos no texto da Bíblia e na vida das pessoas. Nosso ensinamento é moldado, movido e transformado por meio de nossa própria experiência na pregação. Meus alunos também têm me ajudado a ser pregador. Eles vêm da linha de frente e trazem importantes questões sobre o tema pregação. Se eu apresento alguma teoria que não toca a realidade da vida, eles desafiam.

“Os sermões necessitam refletir a grande ideia do texto bíblico e também refletir as preocupações, necessidades e questionamentos dos ouvintes em nossos dias”

Desde a publicação de seu best-seller Biblical Preaching, o senhor tem feito grandes contribuições à pregação bíblica. Na sua opinião, qual dessas contribuições foi a mais significativa para o treinamento de pregadores cristãos nas últimas três décadas?

Creio que todo sermão é a comunicação de uma ideia. Todo texto na Bíblia diz respeito a ideias. O desafio é captar a ideia da Bíblia, colocá-la no sermão e pregá-la. Esse processo da descoberta da grande ideia é, provavelmente, a grande contribuição-chave que tenho feito. Ele acabou

se tornando significativo. O que é estranho é que, se você voltar à antiguidade, verá que Quintiliano, Platão, Aristóteles e outros falam sobre a importância da ideia principal. Mas, parece que de alguma forma isso se perdeu ao longo dos anos ou nunca foi aplicado na pregação expositiva. Com a importância da grande ideia em mente, desenvolvi meu trabalho de definição da pregação bíblica, que é a seguinte: A comunicação de um conceito bíblico, derivado e transmitido através do estudo histórico, gramatical e literário de uma passagem em seu contexto, a qual o Espírito Santo aplica primeiramente à personalidade e experiência do pregador; então, ao ouvinte do pregador.

Como seus pensamentos sobre pregação têm sido mudados através dos anos?

As pessoas costumavam pensar que a pregação era gritaria. Se você não gritasse, não estava pregando. O que mudou minha abordagem sobre pregação foi o tempo que gastei como diretor geral da Sociedade Cristã Médica e Dental, primeiro no Texas e, depois, em todo o país. Você não se levanta diante de um grupo de médicos e dentistas e fala gritando para eles. Você fala com eles, em vez de falar a eles. Esse também foi o caminho pelo qual a comunicação passou da ênfase no monólogo para o diálogo. De fato, isso é um dos maiores desafios que tenho visto. Acho também que há mais importância colocada na audiência. Você necessita estar desperto para seus ouvintes. Esse não era um tema dominante anos atrás. Está você falando a uma congregação de trabalhadores, ou a um grupo de ouvintes altamente erudito? Compreender audiência é muito importante enquanto você prega. Também tenho sido impressionado com a importância dos títulos efetivos de sermões. Algumas vezes, visito uma cidade num fim de semana e verifico os

anúncios religiosos nos jornais. Leio títulos de sermões como: "A igreja de Corinto", e penso: "Quem se importa com isso?" Outros títulos são mais práticos, como por exemplo: "Como ser um líder". Algumas igrejas têm me convidado para pregar e me pedem antecipadamente o título do sermão. Há ocasiões em que envio o título e recebo de volta um pedido para melhorá-lo. As pessoas vão à igreja ansiosas por um bom sermão, porém, se o título não lhes desperta o interesse, ficam frustradas. Muitas delas estão se perguntando: "Se eu for ouvir este sermão, como ele poderia me ajudar?" Então, se uma pessoa simplesmente vê o título do sermão, ao ir à igreja, dependendo desse título, você já inicia o processo de ligação com seu ouvinte.

Acaba de ser lançada a terceira edição do seu livro *Biblical Preaching*. Que mudanças ele traz?

Nessa nova edição acrescentei muitos exercícios. Descobri que quando os alunos de homilética estavam lendo o livro, não conseguiam entender tudo o que eu estava dizendo. Costumo usar muitos exercícios quando estou ensinando, e os alunos apreciam esse tipo de abordagem. Assim, adicionei mais exercícios, especialmente a respeito da tarefa de encontrar o assunto e o complemento no texto, descobrindo assim a ideia principal da passagem da pregação. Não é suficiente apenas ler a teoria. É preciso trabalhar o processo.

O senhor já ocupou várias funções em sua carreira ministerial. Quais foram os fatores que o ajudaram a decidir ser o destacado professor de homilética no Seminário Teológico Gordon-Conwell?

Cheguei à conclusão de que é muito difícil uma pessoa permanecer mais que dez ou doze anos em um lugar, sem se repetir. Então, quando fui convidado para esse

ficar em frente a um grupo e simplesmente ensinar; é preciso se envolver com o grupo. Os ouvintes necessitam interagir. No programa de doutorado em ministério, tenho procurado envolver todos os estudantes no ensino da pregação, porque, quando alguém ensina alguma coisa, também aprende.


Que conselho o senhor daria aos pregadores cristãos de hoje?

Preguem a Bíblia. Se vocês não pregarem a Bíblia, não terão pregado sobre nada. Mas, não apenas preguem a Bíblia. Preguem a Bíblia para as pessoas. Compreendam sua audiência. Quem são os ouvintes? Os pastores têm uma grande vantagem quando interagem com a congregação. Passam a conhecer suas dores, seus problemas e questionamentos. Considero vitalmente importante que as pessoas em sua congregação saibam que são amadas por vocês. Vocês desejam o melhor de Deus para elas. Ao vocês agirem assim, terão captado algo em sua pregação que é vital e sólido.

“Preguem a Bíblia. Se vocês não pregarem a Bíblia, não terão pregado sobre nada. Mas não apenas preguem a Bíblia. Preguem a Bíblia para as pessoas”

seminário, respondi positivamente porque isso me pareceu a coisa certa a fazer. Através dos anos, descobri que os pastores acreditam na Bíblia, mas nem todos têm a menor ideia de como pregá-la. Nossa abordagem central no seminário era simples: como pregar efetivamente a Bíblia. Também descobri que aprender como pregar é um processo de grupo. Você não pode

Grandes líderes cristãos têm sido lembrados por várias razões. No seu caso, ao refletir sobre sua vida e seu ministério, como o senhor gostaria de ser lembrado pelas pessoas?

Sinto-me extremamente gratificado quando alguma coisa que ensino causa impacto na vida e no ministério de alguém. Quando vejo isso acontecer, sinto grande alegria! 

“A cruz e o santuário”

A propósito do artigo “A cruz e o santuário” (*Ministério* nov-dez 2014), o autor, Dr. Wilson Paroschi, faz os seguintes esclarecimentos:

Página 10: A frase “Deus não é controlado por leis fora dEle mesmo” deve ser lida como: “Deus não é controlado por lei fora dEle mesmo”, em referência à Sua lei moral.

Página 11: “No primeiro parágrafo da segunda subdivisão (‘Justiça de Deus’), o problema não é ‘se a justiça de Deus, ou Sua justiça (v. 25, 26) tem o mesmo significado nos versos 21 e 22.’ Nos versos 21 e 22, há pouca ou nenhuma dúvida de que ‘justiça de Deus’ é um dom. O problema está nos

versos 25 e 26, onde a mesma expressão tem sido interpretada tanto como um dom, como nos versos 21 e 22, quanto como um atributo.”

Página 12, segundo parágrafo, à esquerda, onde se lê: “De acordo com a interpretação tradicional, que remonta a Anselmo de Canterbury no século onze, Deus não passou por alto os pecados, ao não puni-los”, a frase correta é: “Deus passou por alto os pecados ao não puni-los.”

Página 13, nota de rodapé nº 2: “De acordo com a Nova Perspectiva Sobre Paulo, o grego *pistis Christou* não significa ‘fé em Cristo’, como se assume desde os tempos da reforma, mas como ‘fé [fidelidade] de Cristo’, ao contrário do que aparece na nota: “fé [plenitude] de Cristo”. – **O editor**



Ansel Oliver

Uma vacina para a igreja

“Precisamos de uma ação pastoral intencional, a fim de que não sejamos infectados pelas tendências do mundo religioso moderno”

Um artigo que li na edição eletrônica do jornal *USA Today* (15/09/2014) exerceu em mim razoável impacto e me deixou preocupado. O artigo apresentava os resultados do chamado “Estudo nacional sobre congregações”, uma visão atual sobre a realidade das igrejas, sinagogas e mesquitas nos Estados Unidos. Não se trata de um estudo sobre os adventistas, nem somos citados por ele, mas é o terceiro ciclo de uma série de estudos iniciada em 1998; a segunda fase aconteceu em 2006. Esses diferentes ciclos fornecem uma grande base de comparação relacionada à maneira como as igrejas estão se movendo nos Estados Unidos.

Foram entrevistados 1.331 líderes de igrejas nacionalmente representativas, e

as primeiras conclusões indicam clara mudança de crenças e estilo de vida nos últimos anos. Chamou a atenção dos pesquisadores o fato de que as igrejas estão (1) abrindo suas portas naturalmente para que casais de *gays* e lésbicas se tornem membros e assumam funções de liderança; (2) encorajando cultos carismáticos envolvendo mãos levantadas, sonoros “améns” e danças; (3) afastando-se da postura denominacional, de regras ou doutrinas que possam retardar ou dificultar qualquer tipo de mudança.

Mudanças perigosas

A aceitação da homossexualidade ativa como algo natural foi identificada como uma das fortes tendências. Na segunda-ro-

dada da pesquisa, em 2006, 37% das igrejas aceitavam casais de *gays* ou lésbicas como membros. Em 2014, esse índice subiu para 48%. Quase a metade das denominações entrevistadas não vê qualquer problema com o assunto. Em 2006, 18% das igrejas permitiam que *gays* assumissem funções de liderança. Agora o número subiu para 26%. Foi um aumento grande e rápido.

O estudo também destacou as fortes mudanças na adoração. O número de pessoas que frequentam igrejas que usam bateria no culto quase dobrou. Em 1998, eram 25%, e hoje são 46%. O jornal cita Márcia McFee, “consultora de adoração” que atua nas igrejas mais destacadas dos Estados Unidos, levando-as a ter uma

adoração com mais luz, som e movimento. Ela defende que a mensagem cristã deve ter “uma experiência de profunda riqueza sensorial”. Segundo ela, apenas sentar-se e ouvir já não conecta a maioria das pessoas com Deus. Por outro lado, Mark Chaves, professor de sociologia na Universidade Duke e diretor geral do estudo, pondera que todas as expressões de entusiasmo durante o culto afetam a mensagem. Ele observa que está havendo “mais ênfase na experiência espiritual do que no ensinamento religioso ou doutrinário”.

O estudo reconheceu também que a identidade congregacional está perdendo espaço. Cerca de uma em cada quatro congregações – 23% – descreve a si mesma como não denominacional. Em 1998, eram apenas 18%. Segundo o artigo, essa perda de identidade denominacional acontece para que as igrejas tenham maior liberdade para liderar, ensinar e variar seu estilo de adoração.

Alerta

Que tremendo alerta para nós! Sabemos que a tendência religiosa dos Estados Unidos em pouco tempo se torna forte influência em nossa região, e podemos agir para prevenir essa situação. Por outro lado, é fácil identificar o que acontece com a maioria das igrejas que abraçaram essa visão. A religião tem se tornado cada vez mais vazia, preocupada apenas com a satisfação pessoal, e descomprometida com o “assim diz o Senhor”. É isso que desejamos para a igreja remanescente? Devemos permitir que essas tendências sigam seu curso natural e exerçam sua influência sobre nós? Somos chamados a assumir firme posição ao lado do que é certo. “Devemos escolher o direito, porque é direito, e com Deus deixar as consequências. A homens de princípios, fé e ousadia, deve o mundo as grandes reformas. Por tais homens tem de ser levada avante a obra de reforma para este tempo” (Ellen G. White, *O Grande Conflito*, p. 460).

Precisamos de uma ação pastoral intencional, a fim de que não sejamos infectados pela situação aqui descrita. Estou certo de que a visão de um discipulado que envolve comunhão, relacionamento e missão é a vacina contra tal confusão. Por isso, as iniciativas nessas três áreas precisam ser reforçadas na vida da igreja. Nossos planos, recursos, talentos, tempo e energias devem ser concentrados nessa direção, caso queiramos ver uma igreja mais fiel, profunda, frutífera e feliz em sua experiência com Deus.

Plano de ação

Neste ano, novamente nosso projeto de trabalho está construído sobre essa base. Vamos falar sobre saúde, para envolver a igreja e compartilhar a herança que Deus nos deixou. A mensagem de saúde é a “ponte” ideal para alcançar corações. É a “chave” que abre portas aparentemente fechadas à mensagem religiosa. É o “braço direito” da mensagem do terceiro anjo. Por meio dela, poderemos reforçar o discipulado, vacinar a igreja e alcançar mais pessoas.

O tema central do projeto é: “Viva com Esperança”. Um projeto simples, relevante, que pode ser realizado em qualquer lugar, por qualquer pessoa e tem como base os três princípios do discipulado:

Comunhão – dez dias de oração e dez horas de jejum (19-28 de fevereiro). O ponto de partida é espiritual, porque esse é o alicerce de nossa vida e das atividades da igreja. Um movimento sem essa base pode impressionar os homens, mas não terá a bênção de Deus. Não podemos nos esquecer de que “a oração e a fé farão o que nenhum poder da Terra conseguirá realizar” (Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver*, p. 509). Caro pastor, use sua liderança para levar a igreja à presença e Deus e à busca pelo Espírito Santo. Serão dez dias de oração, nas casas ou igrejas, concluindo com dez horas de jejum e vigília nas igrejas, no último sábado.

Relacionamento – multiplicação dos pequenos grupos com ênfase na ação pastoral. A festa para celebrar essa multiplicação acontecerá no sábado 20 de agosto. Para que o movimento seja sólido, precisamos investir na formação de liderança. Para isso, o papel do pastor é fundamental. O desafio é ver cada pastor envolvido no pequeno grupo de pastores, realizando um pequeno grupo protótipo.

Missão – envolvendo três atividades especiais:

Projeto “Viva com Esperança (30 e 31 de maio). No sábado, dia 30, será realizado o Impacto Esperança, com a distribuição do livro missionário *Viva com Esperança*. No domingo, dia 31, todos os setores da igreja serão envolvidos em projetos comunitários de saúde, apresentando os oito remédios naturais e o plano de Deus para uma vida saudável.

Realização de duas campanhas de evangelismo público. A primeira, na Semana Santa (28/03 a 05/04), comemorando os 45 anos desse programa evangelístico. Deverá começar nos pequenos grupos, ou lares, e terminar na igreja. A segunda campanha será o evangelismo público de co-lheita (21-28/11), com a participação de pastores, obreiros de diferentes áreas e evangelistas voluntários.

Esse é um projeto simples, fácil e com resultados marcantes na vida da igreja e da comunidade. Aproveitemos a oportunidade para atuar unidos, na mesma visão e ação. Ao agirmos assim, tornamos-nos mais fortes, chegamos mais longe, vamos mais rápido e recebemos a unção do Espírito Santo.

Vivemos em tempos difíceis! Apenas o compromisso de cada pastor em formar discípulos, inspirando neles o compromisso com uma vida espiritual sólida, relacionamentos saudáveis e forte envolvimento missionário, vacinará nosso povo. Assim, poderemos ter uma igreja cada vez melhor em um mundo cada vez pior. **M**



Gentileza do autor

Na vanguarda do viver saudável

Há 152 anos, a Igreja Adventista do Sétimo Dia ensina pessoas em todo o mundo a viver melhor

Em 6 de junho de 1863, em Otsego, Michigan, Deus revelou por meio de Ellen G. White, que os adventistas deviam começar a prestar atenção à saúde e ao estilo de vida. Essa primeira visão sobre saúde transformou a Igreja Adventista do Sétimo Dia, levando-a a se tornar uma instituição importante em assuntos de saúde e ciência da saúde ao redor do mundo.

No início do século 19, as práticas de saúde na América do Norte estavam longe do que hoje consideramos normal. Conforme Rennie Schoepflin, “no início do século 19, pacientes americanos e médicos compartilhavam uma compreensão comum de saúde e doenças, contrária à compreensão da maioria dos americanos hoje”.¹ Médicos e enfermeiros tinham pouca ou nenhuma educação formal. Cigarro e outras drogas mortais eram usadas na medicina, e os pacientes eram levados à morte. Um em cada seis recém-nascidos morria antes de completar um mês de existência.

A expectativa de vida, em média, não passava dos 30 anos. Pouco ou nada era conhecido sobre nutrição, “frutas e vegetais eram largamente evitados”. A higiene também deixava muito a desejar. Segundo alguns relatos, naquele tempo havia americanos que raramente ou nunca tomavam um banho.²

Nesse contexto, os reformadores de saúde começaram a aparecer e apelar para novos caminhos de vida saudável. Sylvester Graham surgiu com sua nova dieta Graham, ensinando novos hábitos de alimentação. O Dr. James C. Jackson estabeleceu uma instituição no estado de Nova York, que usava hidroterapia e outros métodos naturais.³

Primeiras atitudes

Nos anos 1850, a maioria dos adventistas sabatistas não estava interessada em saúde, afinal todos estavam muito ocupados na pregação da “verdade presente”. Por volta de 1851, eles priorizaram certas

doutrinas teológicas que definiam quem eles eram. Entusiasmados, compartilhavam a fé.⁴ Quando alguns crentes começaram a perguntar se os alimentos suínos eram saudáveis, Tiago White respondia que a abordagem de tal assunto “somentemente distrairia o rebanho de Deus, e desviaria a mente dos irmãos da importância da presente obra de Deus entre o remanescente”.⁵ Ellen G. White o apoiou. Em 1858, ela escreveu:

“Vi que suas ideias sobre a carne de porco não seriam prejudiciais se vocês as retivessem para si mesmos, mas, em seu julgamento e opinião, os irmãos têm feito dessa questão uma prova, e seus atos têm demonstrado o que vocês creem sobre isso. Se Deus achar por bem que Seu povo se abstenha da carne de porco, Ele os convencerá a respeito [...] Se for dever da igreja se abster da carne de porco, Deus o revelará a mais do que duas ou três pessoas. Ele ensinará à Sua igreja o dever dela.”⁶

Mas os adventistas tiveram que entrar na discussão da saúde, por causa de questões práticas. Embora pregassem a verdade presente, sofriam e morriam por causa de maus hábitos de estilo de vida. De fato, o adventismo enfrentou ameaça de colapso, porque seus líderes não prestavam atenção à própria saúde.

Nos anos 1860, por exemplo, a saúde de Tiago White definha fisicamente, mentalmente e emocionalmente. Ellen G. White notou como o marido se demorava em “lembranças desagradáveis” do passado que haviam causado a ele profunda angústia emocional. Ele também se descontrolava com os que trabalhavam para ele, facilmente se irritava e tinha espírito imperdoável. Portanto, parte da visão de 1863 foi direcionada a Tiago White e seu estilo de vida.⁷ Em 1865, ele sofreu seu primeiro acidente vascular cerebral por causa de sobrecarga e exaustão.

John N. Andrews, primeiro missionário oficial da Igreja Adventista do Sétimo Dia, também refletiu sobre seus hábitos de saúde naquele tempo:

“Fui impedido de usar tabaco, até mesmo de provar bebida forte; mas aprendi quase nada sobre os males da alimentação insalubre. [...] Pensava que queijo velho era bom para ser digerido! Não sorria da minha tolice; a menos que minha memória esteja falhando, aprendi isso nas ‘obras médicas padrão’. Com respeito à carne moída e salsichas, eu não imaginava que eram insalubres, a menos que estivessem exageradamente condimentadas, ou com data vencida. Biscoitos quentes com manteiga, rosquinhas, conservas, chá, café, tudo isso era de uso comum. Sobre ventilação, eu sabia quase nada. [...]”

“Quando ingressei no ministério cristão, aos 21 anos, eu já não desfrutava saúde estável. [...]”

“Tivesse eu compreendido as leis a respeito do uso de alimentos, dos princípios gerais de higiene, eu poderia ter ido mais longe do que fui no exaustivo trabalho que tentei realizar. Mas, em resumo, esta é

minha história: Em menos de cinco anos, eu estava completamente prostrado. Minha voz foi destruída, acho que permanentemente; minha visão estava consideravelmente prejudicada. Eu não conseguia descansar durante o dia, nem tinha bom sono à noite.”⁸

John N. Loughborough, primeiro historiador do movimento, também descreveu parte de sua dieta: “Eu era grande apreciador da carne como alimento”, ele escreveu. “Preferia gordura de porco frita no desjejum, carne cozida no almoço, fatias de presunto gelado ou bife no jantar. Um dos meus mais deliciosos petiscos era pão bem embebido no molho de porco.”⁹ Obviamente, o adventismo do sétimo dia e seus líderes necessitavam de um ponto de virada.

1863 em diante

Foi nesse contexto que Deus lembrou aos adventistas a importância da saúde, na visão que Ellen G. White recebeu em junho de 1983. Ela escreveu:

“Vi que agora devíamos ter especial cuidado da saúde que Deus nos deu, pois nossa obra ainda não tinha sido realizada. [...] A obra que Deus requer de nós não nos isenta de cuidar de nossa saúde. Quanto mais perfeita for nossa saúde, tanto mais perfeito será o nosso trabalho. [...] Vi que era um dever sagrado zelar de nossa saúde, e despertar outros para seu dever, sem colocar sobre nós o peso do seu caso. Temos, porém, o dever de falar e de batalhar contra a intemperança de toda espécie – intemperança no trabalho, no comer, no beber e no uso de medicamentos – indicando-lhes então o grande remédio de Deus: água, água pura, para doenças, para a saúde, para limpeza e como regalo.”¹⁰

A mensagem de Deus é simples: A saúde é importante e os adventistas do sétimo dia devem prestar atenção a isso.

Essa ideia levou o adventismo a se tornar gradualmente líder na promoção do viver saudável. Como resultado, os adventistas do sétimo dia construiriam sua

primeira instituição médica – o *Western Health Reform Institute* – em 1866. Posteriormente, o instituto se tornou o Sanatório de Battle Creek. No mesmo ano, também lançaram o primeiro periódico sobre saúde, o *Health Reformer*. Jovens adventistas, incluindo John Harvey Kellogg, foram encorajados a obter educação médica. Mais tarde, em 1905, graças à liderança visionária de Ellen G. White e a ajuda de John A. Burden, os adventistas compraram a propriedade para o que se tornaria o Sanatório Loma Linda, na Califórnia.¹¹ Em 1906, eles também começaram a faculdade de Medicina (Universidade Loma Linda).

Hoje, os adventistas do sétimo dia têm o maior sistema protestante de saúde no mundo, com mais de 500 instituições em 65 países. Sua abordagem integral da saúde tem feito excelentes contribuições à ciência e educação da saúde no século 21. Mas, tudo começou com a simples mensagem de Deus, há mais de 150 anos: a saúde é importante. Os adventistas continuam a proclamar a mesma mensagem, ajudando pessoas a viver melhor e mais saudáveis em todo o mundo. **M**

Referências:

¹ Rennie B. Schoepflin, *The World of Ellen G. White* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 1987), p. 143.

² George R. Knight, *Ellen White's World: A Fascinating Look at the Times in Which She Lived* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 1998), p. 29-41.

³ *Ibid.*, p. 34-36.

⁴ A lista inclui as doutrinas da segunda vinda, sábado, santuário, estado do homem na morte e dons espirituais.

⁵ James White, *Advent Review and Advent Herald*, 23 de maio de 1854, p. 140.

⁶ Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja*, v. 1, p. 206, 207.

⁷ _____, *Manuscript 1*, 1863.

⁸ John N. Andrews, citado em Ellen G. White, *Christian Temperance and Bible Hygiene* (Battle Creek, MI: Good Health Publishing, 1890), p. 262, 263.

⁹ John N. Loughborough, *Gospel of Health*, outubro de 1899, p. 175.

¹⁰ Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, v. 3, p. 279, 280.

¹¹ John A. Burden foi pastor adventista do sétimo dia. Sua atuação foi fundamental na negociação e compra da propriedade para a Universidade Loma Linda. Ele também atuou como administrador do Sanatório Loma Linda, de 1905 a 1915.



William de Moraes

Preservando o legado

Atividades alusivas ao centenário da morte de Ellen G. White devem enfatizar as bênçãos que seus escritos trazem para a igreja

Ellen G. White (1827-1915) é, sem dúvida, a adventista do sétimo dia mais influente da história dessa denominação. A direção profética por ela exercida orientou a criação e, posteriormente, o desenvolvimento da igreja. Depois de sua morte, ocorrida em 16 de julho de 1915, seus escritos continuaram a “oferecer conforto, direção, instrução e correção para a igreja”.¹ Atualmente, ela é uma das escritoras mais traduzidas em toda a história da literatura e “o escritor americano mais traduzido entre os escritores de ambos os sexos”.²

Este ano assinala o centenário da sua morte, e muitas pessoas estão perguntando o que a igreja estará fazendo em relação ao seu legado profético. Este artigo destaca algumas iniciativas nos âmbitos global, regional e local. Todos esses esforços têm por objetivo reforçar nossa confiança e nosso compromisso com a orientação profética de Deus nestes últimos dias da história humana.

A ênfase das realizações não deve ser direcionada tanto para a pessoa de Ellen G. White, mas deve focalizar as bênçãos que seus escritos trouxeram à nossa igreja,

corporativamente, e a cada membro, individualmente, por mais de cem anos. Queremos enfatizar mais a mensagem do que a mensageira.

Falando mundialmente

Durante este ano ocorrerão muitos lançamentos, projetos, bem como serão lançadas muitas publicações importantes para o benefício da igreja mundial. *A Enciclopédia de Ellen G. White* (2013),³ com 1.465 páginas, e as *Cartas e Manuscritos de Ellen G. White com Anotações: 1845-1859* (primeiro volume, 2014),⁴ com 986 páginas,

já foram publicados. Os escritos de Ellen G. White já estão disponíveis online, em mais de 50 idiomas (egwwritings.org).

O principal website do Patrimônio Literário de Ellen G. White (ellenwhite.org) hospeda o documento *The Ellen G. White Estate Announces Plans for 2015 Centennial Commemoration of Ellen White's Life and Ministry* [O Patrimônio Literário de Ellen G. White Anuncia os Planos de Comemoração em 2015 do Centenário de Sua Vida e Ministério]. Esse documento menciona, por exemplo, o plano de publicar online, neste ano, todas as suas cartas e manuscritos, bem como algumas das correspondências mais importantes endereçadas a ela, por líderes e outros membros da igreja.

Na assembleia da Associação Geral, a ser realizada neste ano, em San Antonio, Texas, Estados Unidos, será realizado um programa especial de comemoração ao centenário, na noite da última sexta-feira do evento, no dia 10 de julho. Além disso, será realizado um grande simpósio acadêmico na Universidade Andrews, intitulado "O dom de profecia nas Escrituras e na História", nos dias 15 a 18 de outubro, com representantes de várias regiões do mundo.

Planos regionais

Nossa igreja é uma denominação internacional com presença em mais de 200 países, cada qual com seus desafios e necessidades. Sensíveis à condição de seus territórios, várias Divisões, Uniões e Associações/Missões organizacionais estão desenvolvendo planos específicos a fim de promover mais efetivamente os escritos de Ellen G. White em seus territórios durante o ano de 2015.

Algumas Divisões estão planejando distribuir, a preços simbólicos, os dez volumes da coleção "Conectando com Jesus". No Brasil, a coleção estará constituída por seis volumes, sob o título *Mensagens de Esperança*.⁶ Vários Campos estão trabalhando com suas respectivas casas publicadoras, para traduzir e publicar títulos específicos de seus escritos, ainda não disponíveis no

idioma local. Estão sendo disponibilizadas em vários lugares do mundo, versões em áudio de seus livros, para as populações analfabetas.

Muitas universidades e faculdades adventistas do mundo todo estão planejando eventos especiais para 2015. Esses eventos podem ser simpósios acadêmicos, semanas de oração, discussões em mesa redonda, dramatizações, entre outras coisas. Pelo fato de serem realizados em ambiente acadêmico, tais eventos buscam envolver o maior número possível de professores e alunos. O objetivo principal é fortalecer a identidade adventista entre as novas gerações.

Algumas Divisões decidiram incentivar o estabelecimento de minicentros White nas escolas e igrejas adventistas de seus respectivos territórios.⁷ Embora a maioria dos escritos de Ellen G. White esteja disponível online, os minicentros ainda podem oferecer excelente oportunidade para que as pessoas se reúnam e estudem a Bíblia, os referidos escritos e pesquisem a história adventista local. Como resultado, esses lugares se tornam centros da cultura adventista.

Na igreja local

Como é fácil perceber, vários planos e estratégias de apoio para 2015 estão sendo desenvolvidos em várias instâncias da estrutura organizacional da igreja. Porém, a fim de que eles sejam realmente efetivos, devem causar impacto positivo nas igrejas locais, em nossa família e em nossa vida. A questão crucial é a seguinte: O que pode ser feito, no âmbito local, para que 2015 seja realmente uma bênção para todos nós?

Há muitas coisas que as igrejas locais podem fazer. Por exemplo, o calendário de pregação pode incluir sermões, e, talvez, uma semana de oração sobre a natureza e o propósito do dom de profecia. Os programas de jovens podem apresentar dramatizações de alguns aspectos específicos da vida e ministério de Ellen G. White.

Se a igreja tiver um minicentro White ativo, poderá promover seminários a respeito do Espírito de Profecia, seguido de discussões em mesa redonda.

Algumas ideias criativas também podem ser desenvolvidas no círculo familiar. Certa vez me encontrei com um casal adventista que, após dar muitos brinquedos e presentes para seus filhos, decidiu construir uma biblioteca pessoal, para cada membro da família, com os livros de Ellen G. White. Durante cultos familiares vespertinos, alguém lia e todos discutiam o conteúdo de determinado livro, tendo cada um seu próprio livro, no qual eram feitas anotações e marcações. Esse pode ser um bom exemplo a ser seguido neste ano.

Independentemente do que será realizado nas nossas igrejas locais e em nossos lares, devemos desenvolver um plano pessoal para 2015, incluindo leitura e estudo da Bíblia e dos escritos de Ellen G. White. Alguns podem até decidir combiná-los em um plano único de leitura.

Seja qual for o plano, sentimos que é importante separar tempo devocional diário. Como alguém disse, certa vez, "não ter tempo para Deus significa desperdiçar a vida".

Tendo chegado a 2015, não devemos promover venerações extremas a Ellen G. White, assim como não devemos ignorá-la. Devemos sempre nos lembrar de que seus escritos não são um fim em si mesmos. Eles são recursos valiosos para que nos aproximemos de Deus e de Sua Palavra. **TM**

Referências:

¹ *Manual da Igreja Adventista do Sétimo Dia*, 18ª edição (Silver Spring, MD: General Conference of Seventh-day Adventists, 2010), p. 162.

² Arthur White, in www.whiteestate.org/about/egwbio.asp#who.

³ *The Ellen G. White Encyclopedia* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 2013).

⁴ *The Ellen G. White Letters and Manuscripts with Annotations: 1845-1859* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 2014), v. 1.

⁵ <http://whiteestate.org/estate/2015plans.asp>.

⁶ <http://noticias.adventistas.org/pt/lancamento-de-colecao-de-livros-de-ellen-white-marca-centenario-de-suas-obras>.

⁷ Maiores detalhes sobre o projeto dos Minicentros White estão disponíveis na página <http://whiteestate.org>.



Cortesia do autor

A luz ainda brilha

Como um farol de esperança, a primeira visão de Ellen G. White insta conosco para que mantenhamos os olhos fixos em Jesus

O grande desapontamento de 22 de outubro de 1844 marcou o fim dos 2.300 dias/anos da profecia de Daniel 8:14 e o início do juízo investigativo pré-advento no santuário celestial (Dn 7:9, 10). Entretanto, para nossos pioneiros ele se tornou um farol de esperança. Pouco mais de 170 anos atrás, os adventistas mileritas estavam aguardando a segunda vinda de Jesus. E, quando Ele não veio conforme era esperado, foi estabelecido o palco para um dos eventos mais notórios da história adventista.

Em uma pequena casa, em Portland, Maine, Estados Unidos, vivia a família Harmon. O pai, Robert, era chapeleiro. A mãe, Eunice, dona de casa. A família Harmon aceitou a mensagem pregada por Guilherme Miller e, por causa da crença na breve vinda de Cristo, foi desligada da Igreja Metodista, da qual era membro.

Hoje, é impossível compreender em sua plenitude o sentimento daqueles pioneiros que acreditaram de todo coração que Jesus voltaria naquela terça-feira, 22 de outubro. Porém, Cristo não voltou. Ao

se lembrar daquele dia fatídico, Hiram Edson escreveu: “Nossas mais caras esperanças e expectativas foram esmagadas, e um tal espírito de pranto nos sobreveio como nunca havíamos experimentado antes. Era como se a perda de todos os amigos ainda não pudesse ter comparação. Choramos e choramos até o alvorecer” (F. D. Nichol, *The Midnight Cry*, p. 247, 248).

A família Harmon e outros resistiram à angústia daquele dia que iniciou cheio de radiante esperança, e que findou em um amargo desapontamento. O que saiu errado? Por que Jesus não veio?

Enquanto atravessava um campo, na manhã seguinte, Hiram Edson recebeu sua primeira revelação sobre a razão pela qual Cristo não havia retornado. Mas foram necessários meses, antes que os mileritas esperançosos e perseverantes na fé se encontrassem estudando a Bíblia e orando para descobrir o que estava errado.

Por um breve período depois do dia 22 de outubro, cada dia eles continuaram aguardando a vinda de Cristo. Havia um sentimento de que talvez tivesse ocorrido

algum erro mínimo de cálculo, e de que a qualquer momento as nuvens se abririam e Ele apareceria. Foi também nesse período que a condição de saúde de Ellen G. White piorou. O desapontamento fez com que sua saúde se deteriorasse ainda mais.

Fisicamente enferma e abatida de espírito, ela deve ter se questionado quanto ao futuro. Em dezembro de 1844, Ellen foi levada em uma cadeira de rodas para a casa de Elizabeth Haines, a fim de descansar alguns dias. Ela descreve o que aconteceu: “Pela manhã, nos ajoelhamos para o culto em família. Não havia nada de excepcional. Estávamos em cinco, todas mulheres. Enquanto orávamos, o poder de Deus veio sobre mim como nunca o havia sentido antes. Fui cercada por uma luz, e elevada mais e mais alto da Terra” (*Spiritual Gifts*, v. 2, p. 30).

Na mente delas predominava a pergunta: “Deus nos conduziu em nossa experiência do advento ou fomos enganadas? A profecia se cumpriu ou não no dia 22 de outubro?” Em seu coração, clamavam: “Por que fomos desapontadas?”

Primeira visão

“Voltei-me para ver o povo do advento no mundo, mas não o pude achar, quando uma voz me disse: ‘Olha novamente, e olha um pouco mais para cima.’ Com isso, olhei mais para o alto e vi um caminho reto e estreito, levantado em um lugar elevado do mundo. O povo do advento estava nesse caminho, a viajar para a cidade que se achava na sua extremidade mais afastada” (*Vida e Ensinos*, p. 57). Em visão, Ellen teve a sensação de ser elevada acima da Terra. Ao fazê-lo, viu o povo de Deus viajando para a cidade santa, em um caminho reto e estreito. Talvez tenha se lembrado da admoestação de Cristo registrada em Mateus 7:13, 14, onde Ele advertiu quanto a andar através da porta larga, no caminho largo que conduz à perdição. E instou Seus seguidores a andar pelo caminho apertado, através da porta estreita que conduz à vida.

Que alegria foi para ela ver o povo do advento viajando pelo caminho estreito! Ellen conhecia alguns que haviam abandonado a fé na vinda de Cristo. Conhecia também outros que rejeitaram a mensagem, ou sequer a aceitaram. Mas o pior eram aqueles que abertamente ridicularizavam os adventistas frustrados. Ela conhecia tudo sobre fazer parte dos “poucos” descritos por Cristo no caminho estreito.

Naturalmente, ela sabia que esse povo ainda estava na Terra. Deus não precisou lhe mostrar isso! Antes, no simbolismo da visão, mostrou-os andando no caminho “levantado em um lugar elevado do mundo”. Literalmente, os seguidores de Cristo sempre estiveram no mundo, mas não no sentido espiritual. Ele os chamou para saírem do mundo. Na primeira visão de Ellen G. White, Deus lembrou a ela que Seu povo não deveria ser parte do mundo. Se todos se mantivessem no caminho estreito seriam espiritualmente separados do mundo. Assim como Ele mostrou a Ellen, devemos viajar pelo “caminho reto e estreito, levantado em um lugar elevado do mundo”.

Prosseguindo com sua descrição do povo de Deus no caminho estreito, Ellen

G. White diz: “Havia uma luz brilhante colocada por trás deles no começo do caminho, a qual um anjo me disse ser o ‘clamor da meia-noite’. Essa luz brilhava em toda a extensão do caminho, e proporcionava clareza para seus pés, para que assim não tropeçassem” (Ibid.). Na visão, foi-lhe mostrada uma luz brilhando em toda a sua extensão do caminho, até a cidade santa. O propósito dessa luz era fazer com que o povo não tropeçasse. A frase “clamor da meia-noite” tinha um significado específico para ela e para os demais adventistas. Era uma expressão emprestada da parábola de Cristo sobre o reino, registrada em Mateus 25:6: “Mas à meia-noite, ouviu-se um grito: ‘Eis o noivo! Sai ao seu encontro.’”

Para aqueles adventistas, especialmente durante os meses entre agosto e outubro de 1844, o “clamor da meia-noite” se referia a 22 de outubro. Mas, como poderia ser essa uma luz brilhante? Cristo não havia voltado na data por eles esperada. Porém, o anjo lhe disse que a luz brilhante era sua experiência do clamor da meia-noite e o verdadeiro início de seu caminho à cidade. Em acréscimo, a luz da mensagem de 22 de outubro brilharia em toda a extensão do caminho para fazer com que não tropeçassem. Embora Ellen não pudesse tê-la reconhecido naquele momento, foi sua primeira explicação para o desapontamento.

Compreendendo o desapontamento

Tendo em vista que o clamor da meia-noite era a luz brilhante que os ajudava a não tropeçar, obviamente deveria haver muito mais sobre o dia 22 de outubro do que ela e seus amigos podiam compreender até aquela época. De fato, a visão não lhes deu explicação para o desapontamento ou sobre o que realmente havia ocorrido em 22 de outubro, mas assim mesmo eram novas emocionantes! Eles não tinham que rejeitar a mais preciosa experiência espiritual que já haviam desfrutado. Afinal de contas, Deus esteve no movimento milirita; isto ficou claro por meio das palavras

do anjo. A mensagem do clamor da meia-noite, devidamente compreendida, iluminaria o caminho deles até a Cidade Santa.

Para nós, esta ainda é uma verdade importante. Graças ao estudo aprofundado da Bíblia pelos pioneiros e muitos outros ao longo dos anos, podemos agora compreender o que realmente ocorreu no fim dos 2.300 dias/anos, em 22 de outubro de 1844. A partir daquele dia teve início o julgamento descrito em Daniel 7, o ministério final de Cristo no lugar santíssimo do santuário celestial.

Ao longo dos anos, quando críticos se referem ao ano de 1844, como sendo insignificante, não nos deixamos abalar por seus argumentos. A luz sobre a mensagem do santuário desvendou o mistério do desapontamento para aqueles pioneiros. Anos mais tarde, Ellen G. White escreveu: “O assunto do santuário foi a chave que desvendou o mistério do desapontamento de 1844. Revelou um conjunto completo de verdades, ligadas harmoniosamente entre si e mostrando que a mão de Deus dirigira o grande movimento do advento e apontara novos deveres ao trazer a lume a posição e obra de Seu povo” (*O Grande Conflito*, p. 423).

Se alguém focaliza uma data futura, ou promove uma nova interpretação do período profético que depende de um tempo em um futuro específico para seu cumprimento, lembre-se novamente dessa primeira visão dada por Deus a Ellen G. White. Na verdade, no dia 23 de setembro de 1850, foi-lhe mostrado que “o tempo não tem sido um teste desde 1844, e nunca mais o será” (*Primeiros Escritos*, p. 75). No ano seguinte, no dia 21 de junho de 1852, quando ela estava em Camden, Nova York, o Senhor lhe mostrou “que a mensagem deve ir, e que não deve depender de tempo; pois o tempo não será nunca mais uma prova” (*Mensagens Escolhidas*, v. 1, p. 188).

Mantendo-se na luz

Falando dos que se encontravam no caminho, ela viu que: “Se conservavam o

olhar fixo em Jesus, que Se achava precisamente diante deles, guiando-os para a cidade, estavam seguros. Mas logo alguns ficaram cansados, e disseram que a cidade estava muito longe e esperavam nela ter entrado antes. Então Jesus os animava, levantando Seu glorioso braço direito; e de Seu braço saía uma luz que incidia sobre o povo do advento, e eles clamavam: 'Aleluia!' (Ellen G. White, *Vida e Ensinos*, p. 57).

Poucas semanas após o dia 22 de outubro, ela viu muitos abandonarem a fé na vinda de Cristo. Então, a visão indicava que o tempo se prolongaria mais. Alguns já O haviam perdido de vista. Mas a mensagem àquele pequeno grupo de crentes perplexos era para que não desanimassem; se mantivessem os olhos fixos em Jesus, Ele os conduziria à cidade. Para quem quer que seja tentado a abandonar a fé, a primeira mensagem de Deus a Seus seguidores desapontados em 1844 serve como farol de esperança.

Nos dias dos apóstolos, Pedro advertiu: "Antes de tudo saibam que, nos últimos dias, surgirão escarnecedores zombando e seguindo suas próprias paixões. Eles dirão: 'O que houve com a promessa da Sua vinda? Desde que os antepassados morreram, tudo continua como desde o princípio da criação'" (2Pe 3:3, 4).

Nas quatro décadas posteriores a 1844, alguns foram de tal forma apanhados pelo legalismo que quase perderam totalmente a Jesus de vista. Assim, em 1888, outra mensagem foi dada à igreja, na Assembleia da Associação Geral, a mensagem da justificação pela fé.

Porém, isso não foi tudo o que Deus mostrou a Ellen G. White: Prossequindo, ela escreveu: "Outros temerariamente negavam a existência da luz atrás deles e diziam que não fora Deus quem os guiara tão longe. A luz atrás deles desaparecia, deixando-lhes os pés em densas trevas; de modo que tropeçavam e, perdendo de vista o sinal e a Jesus, caíam do caminho para baixo, no mundo tenebroso e ímpio" (*Vida e Ensinos*, p. 57, 58).

Essa é uma das declarações mais incríveis dessa visão. Embora fosse uma advertência para os crentes desapontados em 1844, pouco podiam eles imaginar ou compreender o significado dessa mensagem de Deus para os adventistas no futuro.

Tão surpreendente quanto possa ter sido a visão e sua compreensão, à luz do que tem ocorrido durante esses mais de 170 anos, torna-se ainda mais admirável para nós, que somos os beneficiários do conhecimento de tudo o que ocorreu anteriormente.

Como poderia passar pelo pensamento de uma menina, com apenas dezesseis anos, que esta verdade se tornaria um grande ponto divisor entre os seguidores de Deus? Embora alguns questionem o ministério profético de Ellen G. White, essa visão provê uma das mais persuasivas evidências de sua inspiração divina.

A vinda de Jesus


Na visão, Ellen viu os vários acontecimentos do tempo próximo à vinda de Cristo. Ela ouviu Deus anunciando a Seus santos o dia e a hora da volta de Jesus. Viu também que os "144 mil estavam todos selados e perfeitamente unidos". E, pela primeira vez, foi-lhe mostrada a segunda vinda de Cristo.

"Logo nossos olhares foram dirigidos ao Oriente, pois aparecera uma nuvenzinha aproximadamente do tamanho da metade da mão de um homem, a qual todos soubemos ser o sinal do Filho do homem. Todos em silêncio solene olhávamos a nuvem que se aproximava e tornava mais e mais clara e esplendente, até converter-se numa grande nuvem branca. A parte inferior tinha aparência de fogo; o arco-íris estava sobre a nuvem, enquanto em redor dela se achavam dez milhares de anjos, entoando um cântico agradabilíssimo; e sobre ela estava sentado o Filho do homem. Os cabelos, brancos e anelados, caíam-lhe sobre os ombros; e sobre a cabeça tinha muitas coroas. Os pés tinham a aparência de fogo; em Sua destra trazia uma foice

aguda e na mão esquerda, uma trombeta de prata. Seus olhos eram como chamas de fogo, que profundamente penetravam Seus filhos. [...]

"Então a trombeta de prata de Jesus soou, ao descer Ele sobre a nuvem, envolto em labaredas de fogo. Olhou para as sepulturas dos santos que dormiam, ergueu então os olhos e mãos ao céu, e exclamou: 'Despertem e exultem, vocês que habitam no pó'. Houve um forte terremoto. As sepulturas se abriram, e os mortos saíram revestidos de imortalidade. Os cento e quarenta e quatro mil clamaram 'Aleluia!', quando reconheceram os amigos que deles tinham sido separados pela morte, e no mesmo instante fomos transformados e arrebatados juntamente com eles para encontrar o Senhor nos ares" (Ibid., p. 58, 59).

Ela compartilhou a visão com as quatro mulheres com quem estava orando. Elas estavam ansiosas por saber o que Deus havia mostrado a ela. Suas orações foram atendidas. O clamor da meia-noite fazia parte da providência de Deus. Ele foi retratado como "luz" por trás deles, que iluminava toda a extensão do caminho. Porém, o mais importante, a visão lhes deu a certeza de que se mantivessem os olhos fixos em Jesus, poderiam chegar com segurança à cidade celestial. Além disso, a visão deu uma pálida ideia do galardão a ser recebido quando chegassem à cidade. Quanto à pergunta: "Por que eles foram desapontados?", isso foi esclarecido somente a eles por meio do estudo posterior da Bíblia.

Neste ano especial, em que lembramos o centenário da morte de Ellen G. White, qual é sua condição espiritual? Está desencorajado pelo longo tempo decorrido? Tem o sentimento de que é cada vez mais difícil permanecer separado do mundo? Hoje, como um farol de esperança, a primeira visão dessa mensageira do Senhor insta conosco para que mantenhamos os olhos fixos em Jesus. Exclamemos, como o apóstolo João: "Ora, vem, Senhor Jesus!" (Ap 22:20). 



Novo tempo evangelístico

**Trabalho missionário pessoal e pregação pública,
eis o binômio que possibilitará grandes resultados
na tarefa de levar pessoas à salvação**

Ao observarmos a marcha dos acontecimentos que assinalam a proximidade do fim da história terrestre, entendemos que a pregação do evangelho é a profecia mais significativa que ainda precisa ser totalmente cumprida, antes que o Senhor Jesus volte nas nuvens, para buscar Seus fiéis. E foi com a missão de evangelizar o mundo, chamando sua atenção para esse acontecimento, que a Igreja Adventista do Sétimo Dia surgiu no cenário mundial como um movimento profético, suscitado por Deus.

Ao ser despertado, em 1844, a fim de proclamar a mensagem de Apocalipse 14, o movimento adventista tinha no evangelismo público seu ponto forte. Naquela época, o crescimento experimentado foi surpreendente. Deus estava cumprindo Seu propósito através dos pioneiros adventistas. Líderes e membros focalizavam a atenção e as atividades na missão de evangelizar. Porém, com o passar do tempo, as coisas mudaram, o movimento cresceu e sua institucionalização como igreja se tornou realidade. A liderança prio-

rizou mais a administração do que a evangelização, e o resultado não foi positivo. A igreja estancou seu crescimento.

Na tentativa de retomar o caminho do crescimento, várias estratégias foram empregadas, mas os resultados deixavam sempre a desejar. Ellen G. White chegou a ficar extremamente preocupada com a visível distorção missionária e advertiu contra essa distorção em várias oportunidades como, por exemplo, em uma assembleia mundial da Igreja e em diálogos intensos com líderes da Associação Geral. Ela mesma, apesar da idade avançada, decidiu agir e fazer evangelismo.

Depois de muito tempo, felizmente, a Igreja despertou nesse sentido, muitos evangelistas foram chamados por Deus e o evangelismo público novamente se fortaleceu. Porém, no fim do século 20, ele voltou a passar por um momento difícil em todo o mundo. Embora os resultados iniciais fossem numericamente expressivos, o nível de evasão passou a assustar a igreja.

Graças a Deus, hoje vivemos um novo tempo do evangelismo na América do Sul. Pela graça de Deus, a Igreja encontrou o ponto de equilíbrio a fim de poder cumprir com maior eficácia a missão que lhe foi confiada pelo Senhor. Nesse ponto de equilíbrio está a perfeitamente possível conjugação de evangelismo pessoal com o evangelismo público. Pequenos grupos, classes bíblicas, duplas missionárias e estudos bíblicos individuais formam a base, o preparo do caminho, para o evangelismo público de colheita.

Assim sendo, mais do que nunca, precisamos fortalecer essa base, para que tenhamos campanhas de evangelismo público de colheita, cada vez mais eficazes e com grandes resultados. Isso significa trabalhar mais com a igreja, envidar esforços para que haja maior envolvimento dos membros, levando-os a entender a beleza e a alegria de levar uma pessoa à salvação. Trabalhando dessa forma, certamente estaremos possibilitando o batismo de muitas pessoas, e bem preparadas. **M**



William de Moraes

Saúde *versus* evangelismo

Objetivos da mensagem de saúde vão além do mero desejo de ter um corpo saudável

Quando pensamos na mensagem de saúde enfatizada pela Igreja Adventista do Sétimo Dia, que justificativas evocamos? Afinal, como organização, a Igreja está totalmente envolvida com a área de saúde, mantendo centenas de hospitais e clínicas, no mundo todo; dezenas de editoras que publicam milhões de livros e revistas sobre o tema; escolas de medicina, enfermagem, fisioterapia e odontologia; fábricas de alimentos saudáveis e restaurantes vegetarianos.

Esse envolvimento está enraizado nas origens do movimento adventista. Em agosto de 1866, por exemplo, com pouquíssima experiência editorial, a nascente igreja lançou uma revista mensal sobre saúde, o *The Health Reformer*, periódico de 16 páginas, em Battle Creek, Michigan. Em setembro do mesmo ano, foi aberto o primeiro hospital adventista, na mesma cidade e, em 1905, em Loma Linda, Califórnia, foi estabelecida a primeira escola de medicina da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Aqui no Brasil, desde 1939, a Casa Publicadora Brasileira edita a revista *Vida e Saúde*, hoje com 77 anos de publicação mensal ininterrupta. É preciso anotar que esse foi o segundo lançamento da revista. Em 1914,

portanto, 25 anos antes, já havia sido realizada a primeira tentativa de lançamento de uma revista de saúde em solo nacional.

As mensagens de Ellen G. White sobre a necessidade de publicar revistas de saúde se multiplicaram: “As pessoas encontram-se em extrema necessidade da luz que brilha das páginas de nossos livros e revistas sobre saúde. Deus deseja usar esses livros e revistas como meios através dos quais raios de luz atraíam a atenção das pessoas e lhes faça atender à advertência da mensagem do terceiro anjo.”¹

A literatura de saúde preparada pelos adventistas do sétimo dia está intimamente relacionada com o princípio evangélico presente na mensagem da reforma de saúde. “Coisa alguma”, escreveu Ellen G. White, “abrirá portas à verdade como a obra missionária médico-evangelista. Esta achará acesso aos corações e espíritos, e será um meio de converter muitos à verdade.”²

Preparando o caminho

A época do surgimento do adventismo na América coincidiu com diversos movimentos nacionais de reformas sociais e pessoais. “Tudo parecia requerer algum

tipo de intervenção, algum tipo de reforma.”³ Richard W. Schwarz, historiador do adventismo, diz que o mais famoso evangelista da América, Charles Grandison Finney, “pregava não apenas salvação, mas reforma”. Diz ainda que “muitos que se converteram por sua pregação se tornaram temperantes e antiescravagistas”.⁴

Aquela época, segundo David Paul Nord, era muito favorável ao surgimento e fortalecimento desses movimentos. “A infraestrutura para esse empreendimento foi feita a partir de 1830, enquanto gradualmente a América se movimentava para a Revolução Industrial. Mais importante ainda era a revolução dos transportes, incluindo rotas de correio, estradas, navios a vapor em rios e oceanos, canais para o interior, e, finalmente, estradas de ferro. O melhoramento nos transportes permitiu um movimento mais rápido e mais barato não somente para os bens manufaturados e produtos agrícolas, mas também para pregadores, palestrantes e agentes de organizações.”⁵

Entre as reformas propaladas na época, podemos citar o fim da instituição da escravidão, direitos iguais para as mulheres e escolas públicas gratuitas. Entre os

defensores de reformas, estava Sylvester Graham, que sugeriu uma reforma radical nos hábitos alimentares dos americanos. “A grande epidemia de cólera de 1832 levou os americanos a dar ouvidos ao chamado de Graham para uma dieta vegetariana que enfatizava o uso de trigo integral não refinado, moído em pedra de moinho e grãos de centeio.”⁶ Ele também estimulava a necessidade de fazer exercícios físicos, praticar hábitos de higiene, não tomar bebidas alcoólicas e não fumar. Seu nome ficou mundialmente conhecido e é sinônimo de pão integral (“pão de Graham”).

Reformadores adventistas

Guilherme Miller também apoiou os movimentos de temperança da época. Em seus sermões sobre a vinda de Jesus, ele advertia seus ouvintes, dizendo que “seria uma desgraça que Cristo viesse e os encontrasse bêbados”.⁷

José Bates, um dos fundadores da Igreja Adventista do Sétimo Dia, apoiava esses movimentos e ensinava com grande ênfase a necessidade de não fumar e não tomar bebidas alcoólicas, chá e café. Antes mesmo que Ellen G. White recebesse sua maior visão sobre a reforma de saúde, em 1863, Bates pessoalmente modificou a própria dieta, renunciando ao uso de carne, gorduras e produtos açucarados.

O apoio de Ellen G. White a Bates foi imediato. Segundo Richard Schwarz, “os primeiros adventistas consideravam essas substâncias (café, licor e fumo) não tanto como risco para a saúde, mas como luxos desnecessários que consumiam os escassos recursos que melhor deviam ser dedicados a divulgar o evangelho de Jesus e proclamar Seu breve regresso”.⁸

Ellen G. White relacionou de modo bastante coerente a mensagem do terceiro anjo com a mensagem de saúde. No Natal de 1865, dois anos após receber a visão que estabeleceu os grandes marcos da reforma de saúde adventista, ela declarou ter recebido do Senhor a seguinte orientação: “A reforma de saúde, foi-me mostrado,

é parte da mensagem do terceiro anjo, e está com ela tão intimamente relacionada como o estão o braço e a mão em relação ao corpo humano.”⁹ Em novembro de 1901, ela escreveu: “A verdadeira religião e as leis da saúde andam de mãos dadas.”¹⁰

Princípios

Herbert E. Douglas sistematizou a compreensão teológica de Ellen G. White a respeito do evangelho eterno e a mensagem de saúde, mostrando que a visão da mensagem do Senhor a esse respeito tem como base três princípios fundamentais:¹¹

O princípio humanitário. De muitas maneiras, por preceito e por exemplo. Ellen G. White salientava que “a obra da reforma de saúde é o meio empregado pelo Senhor para diminuir o sofrimento de nosso mundo”.¹²

Esse princípio está relacionado à missão realizada por Jesus Cristo: “Jesus ia passando por todas as cidades e povoados, ensinando nas sinagogas, pregando as boas-novas do Reino e curando todas as enfermidades e doenças. Ao ver as multidões, teve compaixão delas, porque estavam aflitas e desamparadas, como ovelhas sem pastor” (Mt 9:35, 36).

O princípio evangélico. Ellen G. White entendia que a reforma de saúde é uma ponte por meio da qual o evangelho vai ao encontro das pessoas onde elas estão. “Esta obra derrubará preconceitos como nenhuma outra coisa o pode fazer”,¹³ ela disse.

O princípio soteriológico. Esse princípio fornece a distinção adventista para a reforma de saúde, tanto no século dezoito como ainda hoje. A ênfase adventista sobre saúde tem como objetivo “preparar um povo para a vinda do Senhor”.¹⁴ “Aquele que se apegua à luz que Deus lhe deu sobre a reforma de saúde, tem um importante auxílio na obra de ser santificado pela verdade e estar habilitado para a imortalidade.”¹⁵

O trabalho de curar, no ministério de Jesus Cristo, não estava separado de Sua obra principal que era salvar. “A missão da

Igreja Adventista do Sétimo Dia inclui a obra médico-missionária. A organização mantém instituições médicas que combinam o trabalho em favor da saúde espiritual junto à saúde física. Essa tarefa deve ser realizada ao mesmo tempo em que se dá a conhecer o evangelho e as três mensagens angélicas de Apocalipse 14.”¹⁶

Braço e corpo

O projeto inicial ideal de Deus para a obra médico-missionária, conforme foi transmitido por meio de Ellen G. White, sofreu um golpe profundo na crise que em fins de 1890 e início de 1900 literalmente separou a obra médico-missionária do corpo da igreja. A discordância entre a liderança médica e a liderança ministerial, que resultou na separação entre ministros do evangelho e obreiros médicos-missionários, foi classificada por Ellen G. White como “o pior mal” que foi inserido na Igreja Adventista.¹⁷

Douglass comenta: “Por alguma razão, em sua maioria, nem os líderes espirituais nem os líderes da saúde viram que, para conservar a integridade da mensagem adventista, os hábitos físicos não podiam ser separados do crescimento espiritual.”¹⁸ Diz ainda o historiador, repercutindo o pensamento da mensageira do Senhor, publicado em *Review and Herald*, 27 de maio de 1902: “Esta ruptura não é um mero desacordo teórico. Não incluir os princípios da mensagem de saúde dentro da plenitude do ‘evangelho eterno’ afeta diretamente a preparação da igreja no cumprimento de sua comissão evangélica. Além disso, impede o crescimento na graça.”¹⁹

Por isso, o conselho inspirado para a unidade entre o ministério evangélico e a obra médico-missionária: “A obra médico-missionária jamais foi-me apresentada de outro modo que não o de ter a mesma relação para com a obra como um todo, que tem o braço para o corpo. O ministério evangélico é uma organização para a proclamação da verdade e a promoção da obra pelos enfermos e os sãos. Este é o corpo, a

obra médico-missionária o braço, e Cristo a cabeça sobre todos. Assim é que me tem sido apresentado o assunto.”²⁰

Objetivos claros

Os conceitos práticos e os princípios veiculados por nossa mensagem de saúde são agentes facilitadores para a aceitação da mensagem de salvação. Aceitamos esse conceito, ao entender que “tudo que nos diminui a força física enfraquece a mente e a torna menos capaz de discernir entre o bem e o mal. Ficamos menos aptos

para escolher o bem, e temos menos força de vontade para fazer aquilo que sabemos ser justo”.²¹

De tudo o que apreendemos dos escritos de Ellen G. White em relação à reforma de saúde, se for transmitida fielmente, quer seja por nossos hospitais, fábricas de alimentos, editoras e pastores, e praticada por todos os membros da igreja adventista, será um poderoso vetor do evangelho em duas fortes vertentes:

1) Como fator de libertação da intemperança, o que abre as portas à compreensão

do evangelho. “É impossível trabalhar pela salvação de homens e mulheres sem apresentar-lhes a necessidade de romper com as satisfações pecaminosas, as quais destroem a saúde, depreciam o ser humano e impedem as verdades divinas de impressionar a mente.”²² Em outra ocasião, ela também escreveu: “Um corpo enfermo e um intelecto desordenado em virtude de contínua tolerância para com a nociva concupiscência tornam impossível a santificação do corpo e do espírito.”²³

Nosso julgamento moral pode depender



Estes produtos danificam o cérebro e dificultam a capacidade de raciocínio e discernimento

e doces) provoca inflamações que danificam os neurônios,³⁰ afirma Allan Logan, autor do livro *The Brain Diet*. Além disso, é rapidamente absorvido pelo organismo, elevando os níveis de glicose no sangue. É muita energia, o corpo não tem condições de usá-la, e a armazena em forma de gordura. Os melhores açúcares para o cérebro são os hidratos de carbono, os carboidratos presentes nas batatas e nos cereais integrais, porque são absorvidos lentamente pelo organismo.

Carne. Desde 1990, sabe-se que as aminas heterocíclicas formadas durante o cozimento das carnes branca e vermelha são responsáveis pela degradação das células nervosas. “Os portadores de males como Parkinson e Alzheimer apresentavam níveis bem mais elevados dessa substância no organismo, conta o neurologista Cícero Galli. As aminas se unem ao cromossomo do neurônio e desligam alguns genes fundamentais para a célula, que se degenera. Isso, aos poucos, afeta a capacidade de pensar e de recordar as coisas mais simples.”³¹

Cafeína. “A cafeína é reconhecida como substância psicoativa que induz distúrbios psiquiátricos, cujas principais características são inquietude, nervosismo, excitação, insônia, enrubescimento da face, diurese, fasciculações dos músculos, pensamentos e discurso vagos e reclamações sobre o estômago.”²⁹

Açúcar. O principal alimento do cérebro é a glicose. Os neurônios alimentam-se exclusivamente de glicose, enquanto as outras células podem recorrer a vários recursos energéticos. O cérebro de um adulto, que pesa cerca de 1.300 g e contém aproximadamente 15 milhões de neurônios, precisa de, no mínimo, 5 g de glicose por hora (o equivalente a um torrão de açúcar). A questão é o tipo de açúcar consumido. O açúcar refinado simples (encontrado em guloseimas

tanto da saúde como da doença. “Enquanto homens e mulheres que professam piedade estão enfermos do alto da cabeça à planta dos pés, enquanto suas energias físicas, mentais e morais estão debilitadas pela satisfação do apetite depravado, e o trabalho excessivo, como podem eles pesar as evidências da verdade e compreender as exigências de Deus?”²⁴

“Que lástima é que muitas vezes, precisamente quanto maior autonegação devia ser exercida, o estômago está carregado de um volume de alimentos inadequados, que ali permanece em decomposição. O mal-estar do estômago afeta o cérebro. O comedor imprudente não compreende que se está desqualificando para dar conselho sábio, desqualificando-se para estabelecer planos para o melhor funcionamento da obra de Deus.”²⁵

2) A mensagem de saúde provê testemunho. Ela atrai a atenção do mundo para o povo de Deus e conseqüentemente para a mensagem dEle. “Se os adventistas do sétimo dia pusessem em prática o que professam crer, se fossem sinceros reformadores da saúde, seriam realmente um espetáculo ao mundo, aos anjos e aos homens.”²⁶ Isso transcende à farta publicidade midiática de que foram alvo os adventistas longevos de Loma Linda em anos recentes.

Além da saúde

A mensagem de saúde anunciada pela Igreja Adventista do Sétimo Dia transcende a uma herança apenas cultural, à mera tradição ou a modismos de época. Seu objetivo também está além da busca frenética pela aquisição de saúde como alvo. O plano de Deus para essa mensagem está acima do desejo humano egoísta de conquistar um corpo bonito e não enfermo.

Definitivamente, a mensagem de saúde adventista não é apenas uma entre tantas falsas “fontes da juventude” que existem por aí. Enganam-se aqueles que a adotam visando à conquista de um paraíso saudável neste mundo, ideário que tão somente

se presta à exploração por parte de espetáculos que comercializam as ilusões da saúde.

A principal missão de nossa mensagem de saúde é habilitar a mente das pessoas para que possam ter a sensibilidade necessária à assimilação da mensagem de salvação. “A circulação de revistas de saúde será um poderoso meio de preparar o povo para que aceite as verdades especiais que devem prepará-los para a breve volta do Filho do homem.”²⁷ “É desígnio do Senhor que a influência restauradora da reforma de saúde seja parte do último grande esforço para proclamar a mensagem do evangelho.”²⁸ **IM**

Referências:

¹ Ellen G. White, *Conselhos Sobre Saúde*, p. 479.

² _____, *Evangelismo*, p. 513.

³ Paul David Nord, *Communities of Journalism: History of American Newspaper and Their Readers* (Chicago: University Illinois Press, 2001), p. 95; citado por Paulo Pinheiro, *Revista Adventista*, julho de 2009, p. 13.

⁴ Richard W. Schwarz e Floyd Greenleaf, *Portadores de Luz – História da Igreja Adventista do Sétimo Dia* (Engenheiro Coelho, SP: Unasp, 2009), p. 18.

⁵ Paul David Nord, *Ibid.*

⁶ Richard W. Schwarz e Floyd Greenleaf, *Op. Cit.*, p. 19.

⁷ _____, *Assuntos Contemporâneos em Orientação Profética, Antologia de Artigos e Monografias*, compilado por Roger W. Coon (São Paulo, SP: Gráfica do Unasp, 1988), p. 469.

⁸ *Ibid.*

⁹ Ellen G. White, *Conselhos Sobre o Regime Alimentar*, p. 74.

¹⁰ _____, *O Colportor-Evangelista*, p. 131.

¹¹ Herbert E. Douglass, *Mensageira do Senhor* (Tatui, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001), p. 292.

¹² Ellen G. White, *Conselhos Sobre o Regime Alimentar*, p. 77.

¹³ _____, *Evangelismo*, p. 515.

¹⁴ _____, *Testemunhos Para a Igreja*, v. 3, p. 161.

¹⁵ _____, *Conselhos Sobre o Regime Alimentar*, p. 59.

¹⁶ Enrique Becerra, *Pensar la Iglesia Hoy*, IV Simpósio Bíblico-Teológico Sudamericano (Libertador San Martín: Editorial Universidad Adventista del Plata, 2002), p. 461.

¹⁷ Ellen G. White, *Medicina e Salvação*, p. 241.

¹⁸ Herbert E. Douglass, *Op. Cit.*, p. 295.

¹⁹ *Ibid.*

²⁰ Ellen G. White, *Medicina e Salvação*, p. 237.

²¹ _____, *Parábolas de Jesus*, p. 346.

²² _____, *O Colportor-Evangelista*, p. 131.

²³ _____, *Conselhos Sobre o Regime Alimentar*, p. 44.

²⁴ *Ibid.*, p. 51.

²⁵ *Ibid.*, p. 53.

²⁶ Ellen G. White, *Conselhos Sobre Saúde*, p. 575.

²⁷ _____, *O Colportor-Evangelista*, p. 134.

²⁸ _____, *Medicina e Salvação*, p. 259.

²⁹ Ronaldo Laranjeira, *Aconselhamento em Dependência Química* (São Paulo, SP: Rocca, 2004), p. 149.

³⁰ Diogo Sponchiato, *Saúde é Vital*, fevereiro de 2008, p. 14-18.

³¹ *Ibid.*



Alimentos para o cérebro

- **Nozes**, ricas em ômega-3, protegem as membranas celulares e contribuem para reforçar a memória e as funções mentais.
- **Vitamina A**, presente na cenoura e abóbora, é indispensável às reações químicas no interior das células.
- Algumas vitaminas do **complexo B** (aveia, trigo integral, arroz integral, iogurte) participam na síntese de neurotransmissores.
- **Vitamina C** (laranja, acerola, limão, pimentão amarelo, entre outras fontes) é essencial para a memória e a concentração.
- **O mineral selênio** (castanha-do-brasil) preserva dos radicais livres as células do cérebro, evitando doenças demenciais, como mal de Alzheimer.



Gentileza do autor

Povo de Deus

Ser parte da igreja remanescente não significa exclusivismo. Deus tem uma igreja invisível composta por fiéis de todos os tempos

Em 22 de outubro de 1844, milhares de ansiosos cristãos nos Estados Unidos esperaram o segundo advento de Cristo. Obviamente, eles estavam enganados, mas daquele grupo desapontado, posteriormente surgiu a Igreja Adventista do Sétimo Dia, também referida por seus membros como “igreja remanescente”. Os adventistas se definem dessa maneira tendo como base uma cuidadosa exegese de alguns textos do livro de Apocalipse. Quais são esses textos? Por que os adventistas veem neles sua identidade como “igreja remanescente”?

Apocalipse 12 ensina claramente que Deus tem uma igreja remanescente no fim do tempo. Depois de descrever a história da igreja cristã (sob o simbolismo de uma mulher), do tempo de Cristo (o filho no verso 5) até o fim dos 1.260 anos (538-1798), diz o Apocalipse: “O dragão irou-se contra a mulher e saiu para guerrear contra o restante da sua descendência, os que obedecem aos mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus” (Ap 12:17).

Esse verso nos leva à época posterior ao período dos 1.260 anos (Ap 12:6, 14), ou seja ao século 19. Sabendo ser incapaz de destruir o povo de Deus, Satanás se tornou irado contra um grupo específico chamado “o restante da Sua descendência” ou “o remanescente de sua semente” – a igreja remanescente. Agora, o foco não repousa sobre a mulher (símbolo do fiel povo de Deus através dos tempos), mas sobre esse grupo em particular. “O restante de Sua descendência” ou a igreja remanescente.

Apenas duas vezes, nesse capítulo, João menciona uma “descendência” da mulher. A primeira é referente ao Filho da mulher (v. 5), o Messias; a segunda, ao “restante de Sua descendência”, a igreja remanescente. Nas duas vezes, João identifica claramente a descendência da mulher, o que apoia a visão de que “o restante de sua descendência” compreende a igreja remanescente visível. São apresentadas duas marcas identificadoras, ou dois sinais, dessa igreja remanescente: “obedecem

aos mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus.”

Obediência aos mandamentos

Quaisquer que sejam os mandamentos que queiramos incluir no primeiro sinal de identificação, certamente, devemos incluir os dez mandamentos. Assim, o primeiro sinal de identificação da igreja remanescente é sua lealdade aos mandamentos de Deus – todos os dez, incluindo o quarto, o mandamento sobre o sábado. Parafraseando Apocalipse 17, podemos dizer: “No fim do tempo, Deus terá uma igreja – a igreja remanescente – que será reconhecida pelo fato de que ela guarda os mandamentos, inclusive o mandamento do sábado, o sétimo dia.”

No tempo dos apóstolos, ou da igreja primitiva, esse não teria sido um sinal especial, porque todos eles observavam o sábado; mas hoje, quando a maioria dos cristãos guarda o domingo, o sábado, na verdade, tem-se tornado marca distintiva.

O testemunho de Jesus

A segunda marca de identidade é “o testemunho de Jesus”. O que significa essa frase? A expressão “testemunho de Jesus” (*marturia Iesou*) ocorre seis vezes no livro de Apocalipse (1:2, 9; 12:17; 19:10; 20:4).

Primeiramente, consideremos Apocalipse 1:2, 9. A introdução ao livro de Apocalipse apresenta a fonte, isto é, Deus, e o conteúdo desse livro – a revelação de Jesus Cristo. No verso 2, é-nos dito que João conduziu “a Palavra de Deus” e “o testemunho de Jesus”.

Normalmente compreendemos “a Palavra de Deus” como se referindo ao que Deus diz; e o “testemunho de Jesus” algo paralelo à “Palavra de Deus”, devendo significar, portanto, o testemunho que Jesus dá a respeito de Si mesmo. De que maneira Ele faz isso? Quando esteve na Terra, Ele testificou pessoalmente ao povo na Judeia. Depois da ascensão, Ele falou através dos profetas.

Em Apocalipse 1:9, o paralelismo entre a “Palavra de Deus” e “o testemunho de Jesus” é claramente discernível: “Eu, João, irmão e companheiro de vocês no sofrimento, no Reino e na perseverança em Jesus, estava na ilha de Patmos por causa da Palavra de Deus e do testemunho de Jesus.”

No tempo de João, “a Palavra de Deus” era referência ao Antigo Testamento, e o “testemunho de Jesus” se referia ao que Jesus tinha dito, às verdades que Ele revelou, conforme relatadas nos evangelhos e por meio de Seus profetas, como Pedro e Paulo.

Espírito de profecia

Portanto, em Apocalipse 19:10, nós lemos a explicação: “O testemunho de Jesus

é o Espírito de profecia.” O que é “Espírito de profecia”? Essa frase ocorre apenas uma vez na Bíblia e essa única vez é nesse texto. Encontramos um paralelo bíblico muito íntimo em 1 Coríntios 12:8-10, em que Paulo se refere ao Espírito Santo, que, entre outros dons, outorga o dom de profecia, e a pessoa que recebe esse dom é profeta (1Co 12:28; Ef 4:11).

Assim como em 1 Coríntios 12:28 a pessoa que tem o dom de profecia (v. 10) é chamada “profeta”, em Apocalipse 22:8, 9, aqueles que têm o Espírito de profecia (19:10) também são chamados de profeta. Notemos o paralelismo entre Apocalipse 19:10, e 22:8, 9.

Apocalipse 19:10	Apocalipse 22:8, 9
“Então cai aos seus pés para adorá-lo,	“Cai aos pés do anjo que me mostrou tudo aquilo, para adorá-lo.
mas ele me disse:	Mas ele me disse:
Não faça isso!	Não faça isso!
Sou servo como você e como os seus irmãos que têm o testemunho de Jesus.	Sou servo como você e seus irmãos, os profetas,
Adore a Deus!	
O testemunho de Jesus é o Espírito de profecia.”	e como os que guardam as palavras deste livro. Adore a Deus!”

A mesma situação ocorre nas duas passagens. João cai aos pés do anjo para adorá-lo. As palavras de resposta do anjo são quase idênticas, porém a diferença é significativa. Em Apocalipse 19:10, os irmãos são identificados pela frase “têm o testemunho de Jesus”; em Apocalipse 22:9, eles são simplesmente chamados de “profetas”.

Assim, se usarmos o princípio protestante de interpretar as Escrituras pelas Escrituras, podemos concluir que “o Espírito de profecia” em Apocalipse 19:10 não é posseção de todos os membros da igreja em geral, mas apenas daqueles que foram chamados para ser profetas. Comentando Apocalipse 19:10, Hermann Strathmann, erudito luterano, diz o seguinte:

“De acordo com o paralelo 22:9, os irmãos mencionados não são os crentes em

geral, mas os profetas. Aqui, também, eles são caracterizados como tais. Esse é o ponto do verso 10. Se eles têm o *marturia Iesou* (o testemunho de Jesus) também têm o Espírito de profecia, ou seja, são profetas.”¹

Semelhantemente, James Moffat explica:

“Pois o testemunho de Jesus é o Espírito de profecia.’ Esse comentário especificamente define os irmãos que têm o testemunho de Jesus como possuidores de inspiração profética. O testemunho de Jesus é praticamente equivalente a Jesus testemunhando.”²

Testemunho do Targumim

Os leitores judeus nos dias de João conheciam o que significava a expressão “Espírito de profecia”. Eles teriam compreendido a expressão como referência ao Espírito Santo que concede o dom profético ao homem.

O judaísmo rabínico igualou as expressões do Antigo Testamento “Espírito Santo”, “Espí-

rito de Deus” ou “Espírito de *Yaweh*” com “o Espírito de profecia”. Isso pode ser visto nas ocorrências frequentes dos termos no Targumim (traduções escritas do Antigo Testamento em aramaico), como por exemplo: “Por isso o faraó lhes perguntou: ‘Será que vamos achar alguém como este homem, em quem está o *Espírito de profecia do Senhor?*’” (Gn 41:38). “Então o Senhor disse a Moisés: ‘Chame Josué, filho de Num, homem em quem está o *Espírito de profecia*, e imponha as mãos sobre ele’” (Nm 27:18).³

Algumas vezes, o termo “Espírito de profecia” se refere simplesmente ao Espírito Santo, mas, em muitos casos, refere-se ao dom de profecia dado pelo Espírito Santo. Comentando essa expressão no Targumim, F. F. Bruce afirmou:

“A expressão ‘o Espírito de profecia’ é corrente no judaísmo pós-bíblico. É usada, por exemplo, na circunlocução para o Espírito de *Yaweh* que vem sobre um profeta. Assim, o Targum de Jonathan traduz as palavras de abertura de Isaías 61:1 da seguinte maneira: ‘O Espírito de profecia do Senhor Deus está sobre Mim.’ O pensamento expresso em Apocalipse 19:10 não é diferente ao que já foi citado em 1 Pedro 1:11, onde é mencionado que ‘o Espírito de Cristo’ já tinha dado testemunho de antemão pelos profetas do Antigo Testamento. [...] Em Apocalipse 19:10, entretanto, é através dos profetas cristãos que o Espírito de profecia testemunha. O que os profetas anteriores à era cristã predisseram é proclamado como fato cumprido pelos profetas da era cristã, entre os quais João ocupa lugar destacado.”⁴

Voltando a Apocalipse 12:17, podemos dizer que “o restante de sua descendência, [...] obedecem aos mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus”, que é o Espírito de profecia ou o dom profético.

Essa interpretação é reforçada pelo estudo da palavra grega *echó*, cujo significado é “ter”. Essa palavra indica posse de alguma coisa. “O restante de sua descendência” tem um dom concedido por Deus – o dom profético. Se “o testemunho de Jesus” fosse apenas nosso testemunho a respeito de Jesus, João teria escrito algo como: “eles guardam os mandamentos de Deus e testificam a respeito de Jesus”, ou “eles dão testemunho sobre Jesus”. Mas a palavra grega *echó* nunca é usada no sentido de “dar testemunho”.

Em suma, podemos dizer que a igreja remanescente, que, de acordo com a profecia, existe depois do período dos 1.260 dias (depois de 1798), tem duas características específicas: Guarda os mandamentos de Deus, incluindo o mandamento sobre a observância do sábado, conforme Deus estabeleceu, e tem o testemunho de Jesus, que é o Espírito de profecia, ou o dom profético.

Igreja visível e igreja invisível

Desde seus primórdios em 1863, a Igreja Adventista do Sétimo Dia tem reivindicado para si mesma essas marcas de identificação. Como adventistas, proclamamos os dez mandamentos, incluindo o sábado, e cremos que, como igreja, temos o testemunho de Jesus, ou seja, cremos que Deus manifestou Seu dom profético na vida e obra de Ellen G. White.

Nossos pioneiros estavam muito certos de que a Igreja Adventista do Sétimo Dia é a igreja remanescente de Apocalipse 12:17. G. I. Buttler, presidente da Associação Geral entre 1871 e 1888, escreveu um artigo intitulado “Visões e sonhos”, no qual dizia o seguinte:

“Então, não há um povo no qual essas condições sejam preenchidas nestes últimos dias? Acreditamos que ele verdadeiramente existe nos adventistas do sétimo dia. Nos últimos 25 anos, em todo lugar, eles têm reivindicado ser a igreja ‘remanescente’. [...]”

“Guardam eles os mandamentos de Deus? Toda pessoa que conheça alguma coisa sobre esse povo pode responder que essa é parte importantíssima de sua fé. [...] No que se refere ao Espírito de profecia, é um fato notável que, desde o início de sua existência como povo, os adventistas do sétimo dia têm afirmado que ele está em exercício ativo entre eles.”⁵

Ellen G. White acreditava firmemente que os adventistas do sétimo dia compõem a igreja remanescente e que Apocalipse 12:17 é aplicado a eles. Os adventistas do sétimo dia “são o povo representante de Deus na Terra”,⁶ ela escreveu. “Temos o testemunho de Jesus que é o Espírito de profecia.”⁷ “Sejam todos cuidadosos para não clamarem contra o único povo que está cumprindo a descrição dada do povo remanescente, que guarda os mandamentos de Deus e tem a fé de Jesus, e que exalta a norma de justiça nestes últimos dias.”⁸

Nós ainda cremos que a Igreja Adventista do Sétimo Dia é a igreja remanescente,

tendo o Espírito de profecia como marca de identidade.

“Um dos dons do Espírito Santo é a profecia. Esse dom é uma característica da igreja remanescente e foi manifestado no ministério de Ellen G. White. Como a mensageira do Senhor, seus escritos são uma contínua e autorizada fonte de verdade e proporcionam conforto, orientação, instrução e correção à igreja. Eles também tornam claro que a Bíblia é a norma pela qual deve ser provado todo ensino e experiência.”⁹

Como adventistas do sétimo dia, somos membros da igreja remanescente de Deus. Entretanto, essa identificação não nos concede exclusividade diante de Deus. Jamais ensinamos que somente os adventistas serão salvos; sempre temos reconhecido a realidade do que tem sido chamada “igreja invisível”, composta pelo fiel povo de Deus de todos os tempos. Hoje também Deus tem pessoas fiéis em todas as igrejas, incluindo a igreja católica.¹⁰ A salvação não é garantida pelo fato de alguém ser membro de qualquer igreja. Somos salvos como indivíduos, não como igreja. Porém, ser parte da igreja remanescente de Deus significa que temos acesso ao dom especial de Deus, a mensagem inspirada de Ellen G. White, e podemos participar na proclamação das três mensagens angélicas especiais (Ap 14) para o mundo. **M**

Referências:

¹ Hermann Strathmann, *Theological Dictionary of the New Testament* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1964-1974), v. 4, p. 500.

² James Moffat, *The Expositor's Greek of the New Testament* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1956), v. 5, p. 465.

³ Bernard Grossfeld, *The Targum Onqelo to Genesis* (Collegeville, MN: The Liturgical Press), p. 138, 102, 145.

⁴ F. F. Bruce, *The Time is Fulfilled* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1978), p. 105, 106.

⁵ G. I. Buttler, *Review and Herald* 02/06/1874, p. 193.

⁶ Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja*, v. 2, p. 452.

⁷ _____, *Testemunhos Para Ministros e Obreiros Evangélicos*, p. 114.

⁸ *Ibid.*, p. 58.

⁹ *Nisto cremos*, p. 290.

¹⁰ Ellen G. White, *Evangélico*, p. 234.

Chegou uma NOVA REVISTA

O CENÁRIO DA BATALHA FINAL /// BEN CARSON NA SALA DE CIRURGIA /// O QUE ACONTECEU EM 1844 /// USE BEM SUA INFLUÊNCIA

REVISTA ADVENTISTA



OLHAR DIGITAL

MA VERSÃO DOS PEQUENINOS

SAÚDE NA PALMA DA MÃO

MAIS LIDAS

IGREJA VIRTUAL

SINAIS

O CENÁRIO DA BATALHA FINAL

ADORÇÃO É A ATITUDE DECISIVA NO CLÍMAX DO GRANDE CENÁRIO QUE SE APROXIMA CADA VEZ MAIS E ENVOLVERÁ O MUNDO

VANDERLEI BORNHEES

- Novo projeto gráfico
- mais reportagens
- novas seções
- mais páginas
- mais interatividade
- site atualizado
- revista digital

PROMOÇÃO ESPECIAL

DE R\$ 42,10 POR R\$ **24,00**

A revista oficial da igreja de cara nova e com preço imperdível em até 12x*

*Promoção válida até 31/01/2015

Assine hoje mesmo | 0800-9790606 | www.cpb.com.br | CPB livraria



Cortesia do autor

Um homem que vale por dois

Análise das declarações de Ellen G. White a respeito das funções do pastor

Quando estudamos a história da Igreja Adventista do Sétimo Dia, percebemos que vários pioneiros e líderes entenderam que o evangelismo público ou itinerante é o modelo de liderança pastoral. Entre esses estavam J. L. McElhany, I. H. Evans, Carly B. Haynes, A. G. Daniells e Roy A. Anderson. Na defesa dessa ideia, todos eles se apegavam a algumas declarações de Ellen G. White. Eis algumas dessas afirmações: “Depois de fazer uma viagem missionária, Paulo e Barnabé realizaram o roteiro visitando as igrejas que haviam edificado, e escolhendo homens para se unirem a eles no trabalho. Assim também os servos de Deus devem trabalhar hoje, selecionando e treinando jovens valorosos como cobreiros.”¹ “Se nossos pastores em vez de pairarem sobre as igrejas para manter nelas o sopro da vida, fossem adiante com o trabalho para com aqueles que estão fora do rebanho, os que estão na igreja receberiam uma corrente vital do Céu ao ouvirem que pessoas foram levadas ao Cordeiro de Deus. Eles deveriam orar em favor dos obreiros, e suas orações seriam como uma foice afiada nos campos da colheita.”²

“Os pastores que estão pairando sobre

suas igrejas, pregando àqueles que já conhecem a verdade, fariam melhor em ir a lugares que ainda estão nas trevas. A menos que façam isso, eles próprios e suas congregações vão se tornar anões espirituais.”³ “Não eduquem as igrejas a esperar constantemente auxílio pastoral [...] Armados com a espada do Espírito, devemos ir à batalha, erguendo a palavra da vida e buscando salvar os perdidos.”⁴

Modelo pastoral

Por outro lado, a visão de que o pastor deve cuidar do rebanho foi defendida por líderes como H. M. S. Richards, J. D. Rhodes, Orley Berg, entre outros. Esses também encontraram apoio nos escritos de Ellen G. White: “Estamos vivendo em um tempo muito solene. Todo o trabalho a ser feito requer diligência. Isso é especialmente verdade em relação ao trabalho do pastor, que deve cuidar e alimentar o rebanho de Deus.”⁵ “Seu trabalho não é meramente permanecer na escrivania. Ele apenas começa ali. Ele deve visitar as muitas famílias e levar Cristo até eles, levar seus sermões em suas ações e em suas palavras. Quando visitar uma família deve perguntar sobre sua condição. É ele o pastor do

rebanho? [...] Ele deve conversar com todos os membros, tanto na linguagem dos pais, como dos filhos. O pastor deve alimentar o rebanho do qual Deus o fez guardião.”⁶ “Deve ser um pregador, mas também deve atuar como pastor.”⁷

De acordo com os escritos da mencionada autora, o modelo pastoral de trabalho inclui a educação dos membros da igreja na fidelidade a Deus em todos os aspectos da verdade. “Tem havido negligência por parte dos pastores. Eles não têm apelado ao coração dos seus ouvintes a respeito da necessidade de ser fiel. Não têm educado a igreja em todos os pontos da verdade, nem trabalhado com zelo para trazê-los na disciplina e mantê-los interessados em cada ramo da Causa de Deus. Foi-me mostrado que se a igreja fosse educada adequadamente, eles teriam avançado muito mais do que sua condição presente. A negligência dos pastores tem tornado o povo descuidado e infiel. Os membros não sentem sua responsabilidade individual, mas desculpam a si mesmos por causa da negligência dos ministros em fazer o trabalho do pastor.”⁸

O pastor Arthur G. Daniells entendia que os pastores devem visitar suas igrejas

apenas de vez em quando, e empregar a maior parte do tempo no evangelismo público. Porém, falando à igreja em Vermont, Ellen G. White afirmou: “A igreja de Vermont não necessita simplesmente de pregadores que visitem as congregações, orem e exortem o povo ocasionalmente. Um clamor por obreiros poderia se erguer consistentemente entre o povo de Deus em Vermont. Precisa-se de obreiros zelosos e consagrados para fortalecer as coisas que permanecem, ministrando as necessidades espirituais dos membros.”⁹ “Mas aqueles que simplesmente visitam as igrejas uma vez ou outra [...] não devem se manter do tesouro do Senhor.”¹⁰

Também advertiu os pastores a gastar a maior parte do seu tempo no cuidado e na educação missionária da igreja: “Se os pastores dessem mais atenção a manter seu rebanho ativamente ocupado na obra, haveriam de realizar mais benefícios, ter mais tempo para estudar e fazer visitas missionárias, e também evitar muitas causas de atrito [...] Assim, o pastor pode educar homens e mulheres para se empenharem nas responsabilidades da boa obra que tanto está sofrendo por falta de obreiros [...] Igreja que trabalha é igreja que progride.”¹¹ “O verdadeiro pastor terá interesse em tudo o que diz respeito ao bem-estar do rebanho, alimentando-o, guiando-o e defendendo-o.”¹²

Contradição?

Há o perigo de que algumas pessoas, analisando superficialmente, encontrem alguma contradição nessas declarações, considerando que em algumas ocasiões, ela enfatizou o modelo itinerante de pastorado, mas também destacou o modelo pastoral de trabalho. Como é possível harmonizar tais afirmações? É importante compreendermos que, às vezes, ela falava a pastores que trabalhavam em novo território, onde não havia igrejas. Em outras ocasiões, ela se dirigia a pastores que trabalhavam em lugares em que a igreja havia sido estabelecida.

Na verdade, ela faz clara distinção entre o trabalho do pastor em um novo campo e o que foi designado para igrejas estabelecidas. Em lugares sem a presença da igreja, o pastor deve servir primeiramente como evangelista, conquistador de pessoas para Cristo. Entretanto, nas igrejas estabelecidas, seu trabalho primordial é cuidar do rebanho e alcançar os que ainda não foram alcançados pelo evangelho. Diz ela: “Ao trabalhar em lugares em que já se encontram alguns conversos, o pastor não deve tanto buscar, a princípio, converter os incrédulos, como exercitar os membros da igreja a fim de prestarem uma cooperação proveitosa.”¹³

Com a seguinte ilustração, Ellen G. White desenvolveu seu conceito de evangelismo pastoral: “Os pastores não devem sentir ser seu dever fazer todas as pregações e todos os trabalhos e todas as orações; cabe-lhes preparar auxiliares em todas as igrejas [...] Em alguns casos, o pastor ocupa uma posição idêntica à do mestre de um grupo de operários, ou de um capitão de navio. Dele se espera que veja que os homens sobre quem se acha colocado façam a obra que lhe é designada, pronta e corretamente, e só em caso de emergência precisa executar os detalhes.”¹⁴ Ela continuou relatando a história do proprietário de um grande moinho que, certa ocasião, encontrou o superintendente fazendo alguns concertos simples em uma roda, enquanto meia dúzia de trabalhadores daquele setor observava ocasionalmente. Quando o proprietário soube o que se passava, chamou o encarregado ao escritório e o demitiu prontamente. “Esse incidente pode ser aplicado em alguns casos, e em outros, não. Mas muitos pastores falham em conseguir, ou em não tentar, que todos os membros da igreja se empenhem ativamente nos vários ramos da obra.”¹⁵

Em outra ocasião, o mesmo ponto foi abordado com uma analogia diferente: “A força de um exército é medida, em grande parte, pela eficiência dos homens em suas

fileiras. O general sábio manda seus oficiais treinarem cada soldado para o serviço ativo. Ele procura desenvolver a mais alta eficiência da parte de todos [...] E assim se dá no exército do Príncipe Emanuel. Aqueles a cujo cargo se encontram os interesses espirituais da igreja devem formular planos e meios pelos quais se dê a todos os seus membros alguma oportunidade de fazer uma parte na obra de Deus [...] Poucos há que avaliem devidamente quanto se tem perdido por causa disso.”¹⁶

Ministério global

Essas ilustrações nos ajudam a ver que Ellen G. White tinha um equilibrado conceito do ministério pastoral e do evangelismo. Não podemos cair no perigo de enfatizar demasiada e unilateralmente um aspecto em detrimento do outro.

A fim de que tenhamos uma igreja sã, com uma experiência espiritual crescente, precisamos manter uma teologia equilibrada quanto ao ministério global. De acordo com esse conceito, o pastor deve atender a igreja, alimentando-a espiritualmente, atendendo as necessidades do rebanho e, ao mesmo tempo, inspirar, educar, treinar e capacitar a igreja, aperfeiçoando seus dons, para a missão de alcançar os que ainda estão fora do redil. Ele mesmo deve ser evangelista e levar a mensagem de salvação a lugares ainda não alcançados. **IV**

Referências:

- ¹ Ellen G. White, *Review and Herald*, 19/08/1902, p. 8.
- ² *General Conference Bulletin*, 1901, p. 86.
- ³ Ellen G. White, *Review and Herald*, 09/02/1905, p. 9.
- ⁴ _____, *Ibid.*, 11/07/1899, p. 2.
- ⁵ _____, *Testemunhos Para a Igreja*, v. 4, p. 260.
- ⁶ *Ibid.*, v. 2, p. 618.
- ⁷ *Ibid.*, v. 5, p. 528.
- ⁸ *Ibid.*, p. 302.
- ⁹ *Ibid.*, v. 9, p. 649.
- ¹⁰ *Ibid.*
- ¹¹ Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos*, p. 198.
- ¹² *Ibid.*, p. 190.
- ¹³ Ellen G. White, *Serviço Cristão*, p. 70.
- ¹⁴ *Ibid.*, p. 69, 70.
- ¹⁵ *Ibid.*, p. 70, 71.
- ¹⁶ Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos*, p. 351.

**Isolda Reis
Alves da Costa**
Orientadora
educacional em
Brasília, DF



gentileza da autora

O tom da esperança

“Seu falar seja sempre agradável e temperado com sal, para que saibam como responder a cada um”

O conceito formulado pela filosofia da linguagem e pela linguística se refere ao termo *língua*, língua natural ou linguagem humana, voltado às linguagens desenvolvidas pelo ser humano como instrumento de comunicação.

Durante muito tempo, a tradição oral estabeleceu as relações sociocomunicativas, nas quais os povos transmitiam suas crenças e culturas por meio de ensinamentos de geração em geração. Embora se pense que a escrita tenha *status* superior à oralidade,

por mitos de que seria o passaporte para a civilização e o conhecimento, é possível afirmar que a linguagem sempre definiu os papéis das pessoas na sociedade.

Com o advento da tecnologia digital, estamos diante da dicotomia entre a oralidade e a escrita, em que uma das formas bastante utilizadas são os bate-papos virtuais, com mensagens instantâneas ou programas de troca de mensagens. A conversa face a face é simulada por elementos visuais como caixa de fotografia ou de imagem, áudio, música e linguagem vindos dos *emo-ticons*, (ícones que transmitem estados de espírito).

Dom a ser cultivado

O objetivo deste artigo não é discutir conceitos linguísticos ou da tecnologia digital pura e simples, mas analisar a linguagem sob o ponto de vista do desejo de Deus para os cristãos em todos os tempos, inclusive os da era digital, com relação ao dom da fala e de como é possível torná-lo eficaz para o bem. Esse dom nos foi concedido por Deus, contendo diferentes nuances da voz humana.

Se os seres humanos foram dotados de capacidade para se comunicar por meio da fala, mais ainda como cristãos, a linguagem deve ser usada como ferramenta para convencer, persuadir, louvar a Deus e falar do amor redentor (*Parábolas de Jesus*, p. 335). Além disso, que o falar “seja sempre agradável e temperado com sal, para que saibam como responder a cada um” (Cl 4:6).

Deus requer de cada cristão o cultivo da fala, livre de tons altos e agudos estridentes, ou do falar inexpressivo, rápido e de forma incompreensível. É impressionante o interesse de Cristo em que Seus seguidores cultivem a fala, porque a Palavra de Deus e suas incalculáveis riquezas precisam ser expressas com esmero (Ibid., p. 336).

Deus não deseja que Suas verdades sejam ditas de maneira acanhada, inexpressiva, mas em tom claro e sonoro. Ele deseja que haja esforço diligente para que o falar seja cultivado em tom claro e sonoro. A maneira pela qual a mensagem de Deus é apresentada pode influenciar a aceitação ou rejeição dela. É preciso que seja falada de modo a impressionar os ouvintes.

Como seres únicos, diferentes dos demais, deixamos características pessoais em função da qualidade de nossa voz, quando falamos ao telefone, ao nos dirigirmos a outra pessoa, ou quando o locutor fala no rádio. Nos primeiros cinco minutos de conversa, as pessoas constroem uma imagem sobre nossa personalidade, nível cultural e, em alguns casos, condição espiritual.

A personalidade exerce influência na voz, de tal maneira que, segundo estudiosos, pessoas ansiosas falam com mais velocidade, ausência de pausas, impedindo a fala do outro. Pessoas autoritárias, ao usarem articulação firme, sons mais graves e pouca expressão facial, permitem pouca intervenção do interlocutor. As mais tímidas e submissas falam baixo, com timbre mais agudo.

Estudos mostram que o tipo de educação e a convivência com outras pessoas também ajudam a moldar a voz. É preciso que sejamos moldados por Cristo, para que mantenhamos o timbre manso e suave de Sua voz em nossas relações familiares e interações sociais.

Nossa linguagem é carregada de sentimentos, expressões sonoras e entonação da voz, expressões de raiva e alegria, amor e ternura, exclamações e interrogações. Por essa razão, diz o apóstolo, “se alguém não tropeça no falar, tal homem é perfeito, sendo também capaz de dominar todo o seu corpo” (Tg 3:2).

Difícil, mas não impossível

É certo que o domínio da língua é algo muito difícil para o ser humano, porque as palavras revelam a tendência natural de seus pensamentos. Quando falamos daquilo que reflete pureza, honradez e bondade, estamos no rumo da semelhança com Cristo. Somente quando regida pelas forças do mal, pelo fato de a pessoa não permitir que o Espírito Santo governe seus pensamentos e palavras, a língua se torna instrumento de maldição. Nessas condições, a censura pode ser expressa sem amor, com palavras exasperadas, ofensivas, mesmo que professemos religiosidade. Lembremo-nos de que, de acordo com o sábio Salomão, “a morte e a vida estão no poder da língua; o que bem a utiliza come do seu fruto” (Pv 18:21). Aqueles que dão rédea solta à língua cometem grande dano, que eventualmente pode recair sobre eles mesmos.

Em nossa fragilidade humana, corremos o risco de falar imprudentemente usando maledicência, palavras frívolas e murmuração impertinente. Por essa razão, o apóstolo Paulo aconselha a não permitirmos sair da nossa boca nenhuma palavra torpe (Ef 4:29). Com isso, na verdade ele está dizendo que devemos mudar o curso de nossa conversação, quando essa conversação ferir os mais caros princípios da verdade e da religião pura e imaculada. Desse modo, seremos poupados das ideias impuras que contêm insinuações malévolas (Ibid., p. 337).

Contudo, apesar de todos os contrastes negativos da linguagem regida pelo mal, bem como da afirmação de Tiago “ninguém consegue domar” a própria língua (Tg 3:8), a vitória é possível. Em Cristo há poder suficiente para transformação, a começar pela renovação de nossa mente (Rm 12:1). Por meio dEle, nossa língua pode ser instrumento de influência positiva, de felicidade. Podemos usar nossa linguagem para restabelecer a confiança, a esperança, a paz e amizade entre as pessoas, se permitirmos que ela seja santificada pelo Espírito Santo.

Há, sim, beleza e suavidade na linguagem sábia, desprovida de afetação, pronta a dizer boa palavra ao cansado (Is 50:4). Deus espera que usemos a linguagem da esperança, da alegria e da paz, em um mundo carente de afirmação e amor. **M**

Aos novos pastores jubilados, o reconhecimento da Igreja pelo dedicado ministério exercido na causa de Deus. Nesta nova fase de sua vida, não percam de vista o galardão maior, ainda no futuro: “Quando se manifestar o Supremo Pastor, vocês receberão a imperecível coroa da glória.”

Fotos: Centileza dos homenageados



Antônio José Bettero Mendes do Vale

Nascido em Colatina, ES, tem 64 anos. Foi batizado em 1961, cursou Teologia no Educandário Nordestino Adventista, de 1975 a 1978. Durante seu ministério pastoreou igrejas e liderou departamentos nas Associações Espírito-Santense, Rio de Janeiro e Rio de Janeiro Sul, onde foi jubilado. Casado com Jackeline Fernandes do Vale é pai de Sylvia Cristina, Aldrey Lilian e Lucca.



Edivaldo Correia da Silva

Gaúcho de Porto Alegre, bacharelou-se em Teologia em 1976, no Unasp, onde também obteve o mestrado em 1992. De seu casamento com Claudete Silva, nasceram os filhos Leandro, Edivaldo Júnior e Eliane. O pastor Edivaldo trabalhou durante 36 anos nas Associações Brasil Central e Central Paranaense.



Dimas Artiaga

Formado em Teologia pelo Unasp, em 1978, o pastor Dimas é casado com a professora Schirley Artiaga e tem dois filhos. Também no Unasp, obteve o mestrado em Teologia, em 1992. Durante seu ministério, pastoreou igrejas, dirigiu departamentos e foi administrador nas Associações Brasil Central e Paulista Central. Jubila-se como secretário desse último Campo.



Ervino Will

O pastor Ervino nasceu em Afonso Cláudio, ES, em 1953. Depois de concluir o curso de Teologia, em 1979, no Educandário Nordestino Adventista, pastoreou igrejas na Associação Mineira Central. Porém a maior parte de seu ministério foi dedicada à educação cristã, tendo sido diretor de Educação na Associação Espírito-Santense. Também dirigiu internatos no Pará, em Pernambuco, no Espírito Santo e no Rio de Janeiro. É casado com a professora Luci Dias Will, de cuja união nasceram Ketlyn e Ackley.



Eliseu Silva de Oliveira

Nascido em Santo Antônio, RS, formou-se em Teologia no Unasp, em 1978. Iniciou suas atividades ministeriais pastoreando igrejas em Santa Catarina, mas a maior parte de seu ministério foi dedicada à causa das Publicações, como diretor, nas seguintes Associações: Catarinense, Sul-Rio-Grandense, Norte Paranaense, Mineira Central, Paulistana e Paulista Sul. O pastor Eliseu e sua esposa, Edinora Oliveira, tiveram dois filhos: Eliezer e Eliel.



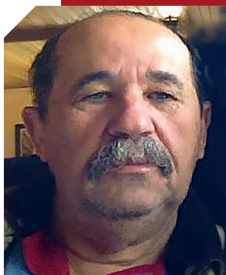
Hermes Demarche

Filho de Senador Demarche e de Elvinda Giacomelli Demarche, nasceu em Brusque, SC, há 64 anos. De seu casamento com a professora Suely Pérsio Demarche, nasceram os filhos Henry, Aline e Hermes. Formado em Letras, Administração (pós-graduado) e Teologia (Unasp), o pastor Demarche iniciou suas atividades na Igreja Adventista em 1977, tendo atuado sempre na área administrativa em vários Campos e instituições. Depois de 37 anos de trabalho, foi jubilado em julho de 2014, como tesoureiro da Associação Sul-Espírito-Santense.



Izair de Souza Costa

Nasceu em 1949 e foi batizado em 1972, quando era sargento da Aeronáutica e professor. Também formado em Jornalismo, iniciou, em 1978, sua carreira ministerial na educação cristã, tornando-se professor no então Instituto Adventista de Ensino (hoje Unasp), onde cursou Teologia. A partir de 1981, pastoreou igrejas em São Paulo, Mato Grosso do Sul e Rio de Janeiro. Também ocupou a liderança de Departamentos da Igreja. Na época da jubilação, exercia a função de secretário da Associação Rio de Janeiro Sul. Sua esposa, há 40 anos, é Ineida Ramos Costa. Seus filhos, Priscilla, Marcos e Denise.



Jeremias Paim

É capixaba, de São João Laranja da Terra, onde nasceu em 1949. Depois de se formar em Teologia, no Educandário Nordestino Adventista, em 1988, pastoreou igrejas nas Associações Mineira Central e Rio de Janeiro. O pastor Jeremias é casado com Eliana

Maria Paim e tem três filhos: Wesley (também pastor), Lisley e Irlei.



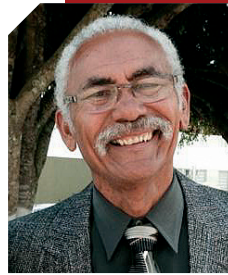
Manoel Mariano de Carvalho

Nasceu no estado de Sergipe e, em 1968, ainda adolescente, tornou-se adventista do sétimo dia. Por meio de seu testemunho, os pais e irmãos também foram batizados. Cursou Teologia no Educandário Nordestino Adventista, formando-se em 1980. Em seguida, iniciou sua carreira pastoral, trabalhando sempre nos estados do Pará e Amapá. Do casamento com a professora Neide Macedo nasceram Marianne e Thiago.



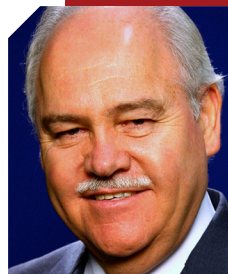
Natércio de Melo Uchôa

Amazonense de Carauari, onde nasceu em 1953, foi batizado aos dez anos. Casou-se com Francisca Pinheiro Uchôa e foi agraciado com três filhos: Noedson, Naidson e Nildson. Todo o seu ministério foi desenvolvido no Amazonas, como pastor de igrejas na capital e no interior do estado, onde também, durante 18 anos, trabalhou com a lancha Luzeiro, atendendo a população ribeirinha nas áreas de enfermagem e evangelismo. Jubila-se como assistente do presidente da Associação Amazonas-Roraima.



Reginaldo Nemézio Pereira da Silva

Batizado em Teresina, PI, em 1972, nasceu em Timon, MA, em 1949. Estudou no Educandário Nordestino Adventista, desde o curso fundamental até o início do curso teológico, concluído no laene, em 1992. Junto à esposa, Maria Celsa Matos Silva, dedicou-se à causa educacional, atuando nos setores financeiro e acadêmico, no ENA, laene e em colégios de Salvador. O casal tem quatro filhos (dois adotivos). Como diretor de disciplina da Escola Básica do laene, o professor Reginaldo recebe a jubilação.



Roberto Pereyra Suárez

De nacionalidade argentina, o pastor Roberto Pereyra tornou-se bacharel em Teologia na Universidade Adventista del Plata, é mestre em Teologia pelo Seminário Adventista Latino-americano, e PhD em Religião pela Universidade Andrews. Trabalhou como pastor de igrejas, evangelista e professor de Teologia. Nessa função, ultimamente exercida no Unasp, Engenheiro Coelho, SP, o pastor Pereyra recebe a jubilação. Casado com a enfermeira Lilia Beatriz, tem quatro filhos casados: Gisela, Karina, Néstor e Bibiana.



Valdemar Spissoto

Depois de haver trabalhado 26 anos como assessor jurídico (1978-2004) na Associação Paulista Sul, liderou três distritos pastorais até jubilar-se no início deste ano. Casado com Iris Cardoso Spissoto, o casal tem três filhos: Alexandre Luís, Patrícia Lina e Percília, e uma neta, Ana Luísa. O pastor Spissoto e família passam a residir em Embu-Guaçu, SP, onde nasceu há 64 anos.



Valmor Ricardi

Filho de Manoel José Ricardi e Henriqueta Floriana Ricardi, nasceu em Ipumirim, SC, em 1954. Depois de concluir o curso de Teologia, em 1979, no Instituto Adventista de Ensino (Unasp), trabalhou como pastor de igrejas e diretor de departamentos nas Associações Mineira do Sul, Mineira Central, Paulista Leste, Missão Sergipe-Alagoas e também na União Sudeste Brasileira. De sua união conjugal com a enfermeira Marieta Ricardi, nasceram os filhos Giovana, Viviane e Valmor Júnior.



William de Moraes

O legado dos pioneiros

Em 22 de outubro de 2014, dia que marcou os 170 anos do Grande Desapontamento, tive a oportunidade de estar na fazenda de Guilherme Miller, acompanhado por alguns amigos. Ali, renovei meu compromisso com o Senhor e refleti mais amplamente sobre o legado deixado pelos pioneiros do adventismo. Eles nos deixaram preciosas lições, as quais gostaria de compartilhar nesta reflexão.

Compromisso com a Bíblia

Os pioneiros eram profundamente comprometidos com o estudo da Bíblia. O líder do movimento milerita, Guilherme Miller, dedicou 16 anos examinando as Escrituras, antes de começar a pregar. José Bates, de New Bedford, Massachusetts, percorreu quase 300 km em direção a uma igreja em Washington, New Hampshire, a fim de estudar a questão do sétimo dia. Depois de compreender e aceitar essa verdade bíblica, tornou-se um disseminador da doutrina, colaborando diretamente para que o casal Tiago e Ellen White aceitasse a observância do sábado, conforme as Escrituras.

Durante o período de desenvolvimento doutrinário (1844-1848), os líderes do adventismo sabatista empregaram muitas horas de oração, jejum e estudo da Bíblia. De acordo com Ellen G. White, algumas vezes, eles passaram “a noite toda em solene investigação das Escrituras, para compreender a verdade para o nosso tempo” (*Testemunhos Para Ministros e Obreiros Evangélicos*, p. 25).

Em um período em que o “assim diz o Senhor” corre o risco de ser substituído por novos paradigmas hermenêuticos, olhar para os exemplos de Miller, Bates e do casal White serve como constante lembrança a respeito da sólida plataforma teológica sobre a qual a Igreja Adventista foi erigida.

Ousadia na proclamação

Outra característica destacável dos pioneiros foi a ousadia com que proclamavam a mensagem. No movimento milerita, Josué Himes foi o responsável por estabelecer um trabalho estratégico com publicações em inglês, francês e alemão, alcançando vários países. Com intrepidez, ele se empenhou na aquisição de uma grande tenda, capaz de abrigar cerca de quatro mil pessoas, armada em cidades onde os pregadores não tinham

o apoio das igrejas locais. A presença da chamada “tenda do pai Miller” era, por si só, um ousado desafio publicitário!

No adventismo sabatista, a obra de publicações assumiu, desde o início, um papel semelhante àquele exercido no milerismo. Em 1848, Ellen G. White foi impelida por uma visão a incentivar seu esposo a começar um pequeno jornal. No ano seguinte, Tiago publicou o *Present Truth*. Em 1850, nasceu a *Second Adventist Review and Sabbath Herald*, conhecida como *Adventist Review*. Por meio desse periódico, os pioneiros encontraram um elemento unificador que contribuiu muito para o estabelecimento da igreja.

É importante ressaltar que, em meados do século 19, a mídia impressa havia se tornado o principal veículo de comunicação nos Estados Unidos. O aumento da alfabetização, da urbanização e do poder aquisitivo, aliado à alteração de valores sociais e ao desenvolvimento de novas tecnologias de impressão, contribuiu para essa conjuntura. Assim, os adventistas estavam inseridos no que havia de mais moderno e eficaz em termos de divulgação da mensagem.

Igreja-movimento

Por último, os pioneiros entendiam que a igreja era um movimento, não monumento. O milerismo sacudiu as estruturas religiosas da sua época. A pregação profética impulsionou uma forte onda evangelística. Recursos foram empregados para a publicação de jornais e panfletos. Pregadores saíram convictos de que tinham de alcançar o maior número de pessoas. Cristãos apelaram para que seus familiares e amigos assumissem um compromisso com o Senhor.

Após compreenderem o papel escatológico de 1844, os líderes do movimento não pouparam esforços para disseminar as boas-novas, por todos os meios. Assim, os adventistas do sétimo dia eram

constantemente incentivados a manter viva a noção de movimento contínuo e ascendente. Todas as atividades deveriam ser realizadas considerando o propósito único de preparar um povo para o encontro com o Senhor.

Penso que estas características dos pioneiros: compromisso com o estudo da Bíblia; ousadia na proclamação da mensagem; e, noção de igreja-movimento, devem nos inspirar hoje a continuar apresentando com fervor a mensagem do advento, “pois em breve, muito em breve, Aquele que vem virá, e não demorará” (Hb 10:37). **M**



Arquivo CPB

Deliciosa & Saudável

100%
natural

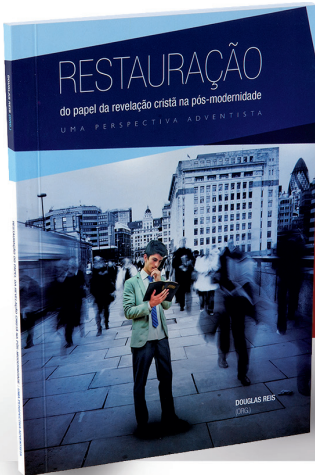
Fonte de
Vitaminas

Rico em
Fibras

Não contém
cafeína

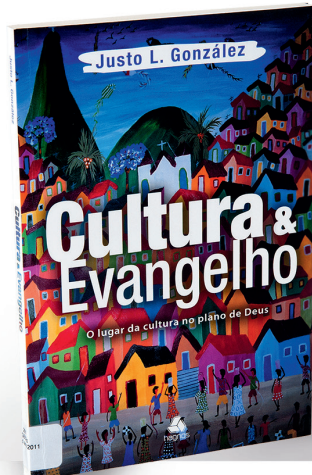


A melhor opção para você
e sua família!



RESTAURAÇÃO DO PAPEL DA REVELAÇÃO CRISTÃ NA PÓS-MODERNIDADE

– Douglas Reis (organizador), Instituto Adventista Paranaense, Ivatuba, PR, tel.: (44) 3266-8000, atendimento @iap.org, 160 páginas.

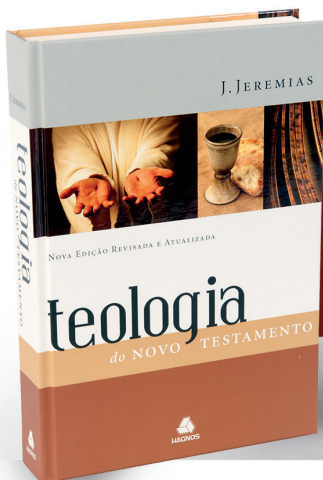


CULTURA & EVANGELHO

– Justo L. González, Editora Hagnos, São Paulo, SP, 151 páginas.

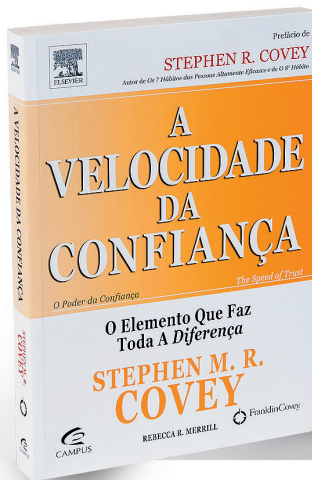
Relativismo, pluralismo religioso. A espiritualidade em transformação, ganhando contornos míticos e difusos. Com tudo isso, a identidade e missão do movimento adventista ficam comprometidas. O que fazer? Em virtude desses desafios, é necessário repensar os fundamentos da fé, resgatando a centralidade dos escritos inspirados para a construção de paradigmas legitimamente cristãos. É isso que este livro, com artigos de vários autores, se propõe fazer.

O desafio da missão cristã consiste, de acordo com o autor deste livro, em entender correta e teologicamente o que é a cultura, que lugar ela ocupa no plano de Deus, como funciona e qual é sua relação com a igreja. Somente assim poderemos entender a nós mesmos e a nossa missão. Os sete capítulos abordam temas fundamentais como, por exemplo, a relação da cultura com a fé, a criação, o pecado, a diversidade, o evangelho, a missão e o culto. Trata-se, portanto, de um livro muito útil e necessário para a vida e a missão da igreja.



TEOLOGIA DO NOVO TESTAMENTO

– Joachim Jeremias, Editora Hagnos, São Paulo, SP, tel.: (11) 5668-5668, hagnos@hagnos.com.br, 504 páginas.



A VELOCIDADE DA CONFIANÇA

– Stephen M. R. Covey, Elsevier Editora Ltda., Rio de Janeiro, RJ, tel.: 0800-02665340, sac@elsevier.com.br, 368 páginas.

Este livro é de grande importância para estudiosos, pesquisadores e apreciadores da literatura exegética e teológica do Novo Testamento. Trata-se de uma reedição cuidadosamente revisada contendo texto em grego e aramaico com caracteres próprios. O trabalho do autor é caracterizado de maneira decisiva pela investigação minuciosa da história e da proclamação de Jesus, tendo como pano de fundo as condições sociais e culturais daquele tempo. É material indispensável nos círculos de estudos bíblicos, seminários e na biblioteca de todos quantos desejam se aprofundar no conhecimento das Escrituras.

Existe algo cuja falta dificulta relacionamentos, trabalho em equipe, vida em família, instituição eclesíastica, igreja local, até mesmo as ações governamentais seculares. No entanto, é a coisa menos entendida, mais negligenciada e mais subestimada de nosso tempo. Trata-se da confiança. Este livro oferece exemplos práticos de como o aumento da confiança afeta a trajetória de nossa vida, tanto no plano pessoal quanto no profissional. O autor mostra como o estímulo à confiança e seu desenvolvimento possibilitam resultados significativos a qualquer empreendimento.



William de Moraes

Resiliência

Por definição, resiliência é um conceito oriundo da Física, que se refere à propriedade de que são dotados alguns materiais quando exigidos e submetidos à tensão, tendo a capacidade de voltar à sua forma, sem que haja ruptura. Alguns exemplos são: elástico, vara de salto em altura, mola, entre outros.

As altas demandas da vida moderna fazem com que essa propriedade da física também se aplique a nós. O conceito de resiliência tem sido utilizado mais recentemente nas seguintes áreas: Psicologia, para enfatizar e promover as forças e capacidades de superação diante das adversidades. Recursos Humanos também utiliza o conceito, na seleção de pessoal. Mundo dos negócios, para caracterizar pessoas capazes de retomar o equilíbrio depois de sofrer grandes pressões.

Assim, ser resiliente é ter a capacidade de viver positivamente apesar das adversidades, superando até mesmo um ambiente destrutivo. Helen Keller e Ben Carson são exemplos disso. Helen ficou cega e surda com aproximadamente dois anos. Tinha todos os motivos para não mais desejar viver. Porém, superando as próprias limitações aprendeu a linguagem dos sinais, conseguiu o bacharelado em Artes e se tornou prestigiada autora, conferencista e ativista política nos Estados Unidos. Carson cresceu em uma família desestruturada, num dos lugares mais degradados de Detroit. Sua vida poderia ser um fracasso. Porém, tornou-se um dos mais famosos neurocirurgiões do mundo.

Como podemos desenvolver a resiliência? Diz o profeta: “Fiz o meu rosto como um seixo e sei que não serei envergonhado” (Is 50:7, ARA). O seixo é um fragmento de rocha, com diâmetro variável, transportado pela água, que lhe arredonda as arestas. Adquire, assim, uma resistência fantástica! “Os indivíduos resilientes desenvolvem habilidades de enfrentamento que lhes permitem ter sucesso na vida. Eles têm um autoconceito forte, uma sólida crença em Deus e uma atitude positiva para com o mundo ao redor. Impulsionados por um

sentido definido de propósito para a vida, eles veem os obstáculos como desafios que podem superar” (Mark Finley e Peter Landless, *Viva com Esperança*, CPB, p. 83).

O ministério pastoral tem suas alegrias, adversidades e provas. Quem nunca foi nocauteado, ou enfrentou um sério problema? Contudo, o pastor conhece sua fragilidade e compreende que ela não implica em desespero e ressentimento, mas é uma oportunidade para aperfeiçoamento. É no fogo das exigências ministeriais que conhecemos nossa força. É nessas horas que somos esticados como um elástico ou pressionados à semelhança da mola.

José, Jó, Daniel, Paulo e o próprio Jesus demonstraram essa capacidade diante das provações. Eles acreditaram ser possível, pelo poder divino, crescer nas adversidades. Toca-me profundamente a experiência do apóstolo Paulo em sua primeira viagem missionária (Atos 13, 14).

Depois de pregar poderosamente em Antioquia e ser expulso, realizou milagres e prodígios em Icônio, de onde fugiu ameaçado de apedrejamento. Mas, prosseguiu para Listra. Ali, Paulo curou um paralítico despertando ainda mais a ira dos judeus. Então, unindo-se esses com os que vieram de Antioquia e Icônio, o apedrejaram. Foi deixado como morto fora da cidade. Porém, sustentado em sua resiliência pelo poder divino, retomou seu itinerário e evangelizou Derbe, a última cidade. Depois, inacreditavelmente, ainda voltou passando por Listra, Icônio e Antioquia, fortalecendo a fé dos irmãos!

Iniciamos um novo ano. Diante de nós está a oportunidade de realizar um grande ministério. Ele é dinâmico. Traz alegrias, mas também realidades cruéis. Entretanto, quando pressionados e esticados pelas circunstâncias, sejamos resilientes. Lembre-se: “O rio atinge seus objetivos porque aprendeu a contornar os obstáculos.” **M**



O ministério pastoral tem suas alegrias, adversidades e provas. Mas é no fogo das exigências ministeriais que conhecemos nossa força”

Série LOGOS

AMPLIE SUA COMPREENSÃO DOS
TEMAS ESTUDADOS NA LIÇÃO DA
ESCOLA SABATINA E OFEREÇA MAIS
CONHECIMENTO AOS SEUS ALUNOS.

Douglas Assunção / Imagem: Fotolia



Adquira o sétimo volume da coleção abordando os livros de Filipenses a Apocalipse.

Cada volume da *Série Logos* oferece a você uma variedade de artigos que abordam diferentes aspectos da história, arqueologia, cultura e formação do texto e do cânon das Escrituras. Mapas, diagramas e ilustrações também ajudam o leitor a visualizar e entender diversos aspectos históricos, geográficos e culturais relacionados com o texto sagrado. Outra contribuição importante dessa obra consiste no material suplementar que relaciona o texto bíblico e os escritos de Ellen G. White.



Conheça os outros volumes da série.

Gênesis a
Deuteronômio

Josué a
2 Reis

1 Crônicas a
Cântico dos Cânticos

Isaías a
Malaquias

Mateus a
João

Ligue
0800-9790606*

@casapublicadora

Acesse
www.cpb.com.br

cpb.com.br/facebook

Ou dirija-se a uma **CPB livraria**
Consulte a relação de endereços no site www.cpb.com.br

*Horários de atendimento: Segunda a quinta, das 8h às 20h
Sexta, das 8h às 15h45 / Domingo, das 8h30 às 14h

 **CPB**